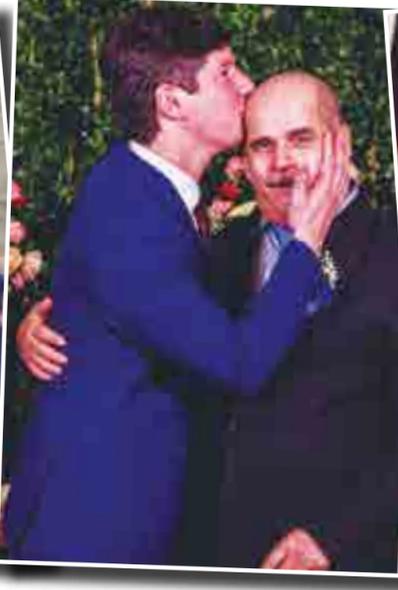


Paraíba



Fotos: Arquivos pessoais

A força do amor diante do coronavírus

O pai médico que tem de se isolar do filho recém-nascido; outro que perdeu o filho para a covid; o pai de primeira viagem e o que vai passar o domingo com a filha, no hospital: o Dia dos Pais da pandemia. [Páginas 5 e 6](#)

Número real de mortes por covid está em queda na PB

Apuração feita na UFPB computa a data real do óbito e mostra diferença com relação à contagem considerando o dia da notificação. [Página 16](#)

GIRO NOS MUNICÍPIOS Paraíba

Um passeio pelas origens e as belezas de João Pessoa

Série viaja pela capital paraibana, que completou 435 de história no último dia 5 de agosto. [Página 8](#)

Ilustração: Tônio



Cabra marcado para morrer Conheça João Pedro Teixeira, líder camponês assassinado em 1962. [Página 17](#)

Foto: Josemarphotopress



Belo e Treze dividem emoções na Série C

Times são os representantes da Paraíba na terceira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, iniciado neste sábado, e lutam para alcançar o sonhado acesso à Série B. [Página 12](#)

Paraíba

Variedade religiosa é cada vez maior no Estado

Fórum catalogou mais de 35 expressões religiosas nos últimos dez anos na Paraíba. [Página 7](#)

Entrevista

Sebrae: números revelam reação dos pequenos negócios na PB

Para diretor técnico Luiz Alberto Gonçalves Amorim, empresas já começaram a se levantar da crise. [Página 4](#)



Foto: Divulgação

Diversidade

Logística reversa ajuda a evitar propagação do lixo

Modelo prevê o recolhimento de embalagens e resíduos para aproveitamento em novos ciclos de consumo. [Páginas 13 e 14](#)

Cultura

Fotos: Marcos Russo/arquivo



Flávio Tavares volta aos engenhos de Zé Lins

Artista revela que, durante o isolamento social provocado pela pandemia, já pintou 20 quadros inspirados no universo do autor de 'Meninos de Engenho', temática que já havia visitado nos anos 1990. [Página 9](#)



Doar é Salvar

doe sangue
doe plasma

Agende sua doação no whatsapp do Hemocentro (83) 3133-3465
De segunda à sexta-feira das 8h às 16h

Editorial

Tributação de livros

Num país em que o incentivo à leitura atinge níveis baixíssimos, se comparado com o Primeiro Mundo, uma medida inclusa na reforma tributária encaminhada pelo ministro Paulo Guedes ao Congresso esta semana abre caminho para acentuar ainda mais essa situação. É que o ministro está defendendo a taxação de 12% nos livros o que, caso aprovada, vai encarecer o produto final que chega ao leitor, dificultando ainda mais o acesso à leitura.

Uma lei de 2004 protegia o mercado do livro no Brasil, implementada na época após pressão do setor livreiro. Guedes quer, agora, acabar com essa lei, o que vem gerando revolta do setor em todo o país. Marcos Pereira, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, diz que é preciso mostrar ao Ministério da Economia e à sociedade que a isenção do livro é importante para a indústria editorial. Vitor Tavares, presidente da Câmara Brasileira do Livro, considera a medida como um desastre para o setor, que já vem sofrendo com a redução nas vendas.

Guedes desdenha de toda essa repercussão. Segundo ele, a ampliação de programas sociais que deem livros a pessoas mais pobres pode substituir a isenção a editoras. O ministro disse que a doação direta de livros é mais eficiente que a concessão de benefícios fiscais a editoras. "Vamos dar o livro de graça para o mais frágil, para o mais pobre. Eu também, quando compro meu livro, preciso pagar meu imposto. Então, uma coisa é você focalizar a ajuda. A outra coisa é você, a título de ajudar os mais pobres, na verdade, isentar gente que pode pagar", disse o ministro

Infelizmente, as coisas não funcionam dessa forma e o ministro sabe disso. E os editores e livreiros vivem momentos de apreensão além da pandemia do novo coronavírus. Interessante que a proposta apresentada pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, concede imunidade fiscal a igrejas, sindicatos, partidos políticos, entidades beneficentes e condomínios, mas não à indústria do livro, que até hoje é isenta do pagamento do PIS e da Cofins graças à Lei 10.865, de 2004.

O efeito imediato da tributação, caso ela seja aprovada pelo Congresso, é o aumento no preço do livro. Logicamente, que as editoras vão repassar o valor do imposto para o preço das obras publicadas. As grandes editoras, que trabalham com grandes distribuidoras, vão repassar o imposto para o produto e as livrarias vão ter dificuldades de vender livros com preços altos. As pequenas editoras não terão como arcar com essa carga tributária. Não será exagero dizer que muitas vão fechar.

Artigo

Martinho Moreira Franco
martinhomoreirafranco46@gmail.com

Pedro e o Liceu Paraibano

A repórter Lucilene Meireles não imagina o quanto mexeu comigo a matéria sobre o maestro Pedro Santos que assinou domingo passado neste jornal ("Por que me deixaram fazer tão pouco?"). Não pelo que aparece no texto, mas pela lembrança que guardo do personagem como professor de Educação Artística no Liceu Paraibano, década de 1960. Na época, ainda não circulava o termo "agitador cultural", embora o paraibano Wills Leal e o pernambucano Jomard Muniz de Brito já exercessem a função nos domínios da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, principal centro de atividades extracurriculares na capital (lá, fazia-se de tudo, inclusive estudar). Pois coube a um amazonense agitar culturalmente o Liceu - vizinho à Fafi -, atuando dentro e, sobretudo, fora da sala de aula. Ele mesmo, Pedro Pereira dos Santos.

Fui seu aluno no curso Clássico, depois que uma reprovação no primeiro ano do Científico me empurrou do primeiro andar para o térreo do histórico prédio da Getúlio Vargas. Bendito empurrão! Afinal, no corredor que dá para a bela avenida encontrei minha praia, depois de quase morrer afogado em Química, Física e Biologia, com horizonte voltado para a Camilo de Holanda. Passei a surfar em Filosofia, Sociologia e Educação Artística, que tinham tudo a ver com meu espírito e minhas aspirações. Não digo que nasci para ser intelectual (o que terminaria sendo comprovado ao longo do tempo), mas pelo menos fiz um bem inestimável à medicina e à engenharia, destinatárias dos que seguiram carreira em profissões para as quais não possuía a menor vocação.

Bom, não seria exagero dizer que o

corpo docente do Liceu, nos anos 60, pôde ser dividido em duas fases: antes e depois da chegada de Pedro Santos. Ele tinha um jeito sereno de ser, mesmo com alguns rompantes de exasperação (certa vez, me expulsou de classe) e contrariava todos os padrões de comportamento do magistério de então, a começar pela indumentária. Foi o primeiro professor a dar aulas no colégio estadual usando calça jeans, camisa de mescla modelo "cinema novo" e sapato mocassin. Causava, por isso, alguns buxixos. Impunha-se, entretanto, pelo preparo como homem de pensamento e de ação.

Pedro Santos dissertava sobre várias áreas do conhecimento com espontaneidade. E era um dinamo quando entrava de corpo e alma no desenvolvimento de atividades artísticas e culturais. Basta dizer que, em parceria com Paulo Melo, aluno do Clássico, fundou o Cine Clube Charles Chaplin e o Cinema de Arte João Pessoa.

/// Fundou o Cine Clube Charles Chaplin e o Cinema de Arte João Pessoa. ///

de João Pessoa. Isso para citar apenas um dos seus campos de atuação. Foi igualmente assim com a música, o teatro, a literatura, as artes plásticas. Tanto que também criou a I Semana de Arte e Cultura do Colégio Estadual da Paraíba, contando com o apoio da diretora Daura Santiago Rangel - um espanto. E com a presença de José Américo de Almeida na abertura - outro espanto. Não fora maestro, tratava-se de homem de sete instrumentos (já me viram perder um trocadilho?). Há muitas outras facetas de Pedro que poderiam ser abordadas, houvesse espaço disponível. Ao contrário do desabafo que dá título aspeado à reportagem de Lucilene, foi muito o que fez pela vida cultural da cidade. E encerro dizendo que o Liceu Paraibano nunca mais foi o mesmo depois dele.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Cientista do Cariri

Ele não gostava das algarobas. O pecuarista e pesquisador Manelito Dantas Dizia que perdera um lote de novilhas guzerás (ou síndis?) com um cercado de algarobas. O esporo das bagens da algaroba perfuraram o rúmen das novilhas. Foi letal. Há que passar em forrageira a quantidade da leguminosa andina que se pretende dar ao gado. Pode parecer inacreditável que um defensor do xerofilismo seja contra o arraçoamento bovino com algarobas. Mas desde que Cristóvão Colombo chegou aos Andes nunca choveu naquelas montanhas geladas, encimadas pelos picos em agulhas como as bagens da leguminosa. No texto acima eu disse que o professor Dantas Vilar era um pesquisador. Agora direi mais: foi ele que descobriu o

segredo que permite a fenação tropical. Lembra-me o poeta Luís Correia: "No lugar onde mora Amélia Reis / o tempo é tão imóvel e sem aragens / que sobre o corpo dela as unhas crescem / como crescem nas

árvores". E prossegue a ode bucólica do vate visionário: "No lugar onde mora essa menina / o tempo tem raízes tão mortais / que para fecundá-la a estrumei / com os mansos dejetos animais. / Pior do que insânia em bicho fêmea..." E a menina voltou para o Rio Capibaribe, de onde tinha saído no delírio do poeta paraibano, expoente da Geração 59. Ele exemplificava o prejuízo dizendo que o rebanho, convertido em reais ou dólares, daria para comprar dois apartamentos na praia de Boa Viagem, mesmo infestada de tubarões.

Pior que tubarões são as Secas. As grandes Secas ocorrem ciclicamente, religiosamente, a intervalos de cerca de cinco anos, comparecendo como que atraídas

pelos rezas tão fortes dos secômanos - o povo xerófilo do Semiárido Nordeste - ia dizendo brasileiro. Para que servirão as algarobeiras, se o exorcismo proposto pelo Sábio do Sertão se realizar? Ora, os Andes estão ali. A Transamazônica está aqui, inacabada mas, enquanto as algarobas crescem, a estrada que liga o País do Nordeste ao Peru e Bolívia, zarpando do Porto do Cabedelo, na Paraíba, Amazônia adentro.

Seria uma decisão mas que estratégica, pois a estrada servira para o deslocamento da jagunçada nordestina até o Pacífico, se necessário. Os países sulamericanos teriam, assim, um sistema de defesa integrado, e porque não, até policial. O crime organizado na América do Sul já fez uso até de submersíveis para o transporte de drogas. Ao avião é instrumento usual no transporte do bagulho, sem falar no emprego de fuzis automáticos de última geração. Para o crime, é mais fácil adquirir essas armas de que para as forças da legalidade, visto que o poder público está sujeito aos trâmites legais da burocracia.

Professor de Hidráulica no Nordeste Seco, Manelito ensinou como viver com pouca água nessa área toda como o problema. No Cariri - a microrregião mais seca do Semiárido - ele implantou uma fazenda modelo e lucrativa, se o desespero e a ilusão da irrigação agricultura de cano. Solução que o homem da terra já aprendeu a olhar de lado, o que as empreiteiras e os políticos ainda não fizeram. Nem vão a fazer. Pois, como bancar o superfaturamento?

O binômio seca-empateira já foi detectado no Nordeste seco. O pior de tudo é que o caro binômio é uma falsa solução, pois não resolve. Nem deixa resolver.

/// Para que servirão as algarobeiras, se o exorcismo proposto pelo Sábio do Sertão se realizar? ///

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigele Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Acidentes e doenças do trabalho custam mais de R\$ 1 bilhão à PB

MPT contabiliza 6,2 mil registros de pessoas acidentadas ou com a saúde comprometida pelo ambiente profissional só em 2018

Nilber Lucena
Especial para A União

Entre os anos de 2012 a 2018 os gastos com doenças e acidentes do trabalho geraram um gasto de R\$ 1 bilhão à Paraíba. O montante é a soma de todas as despesas com auxílio-doença por acidente do trabalho, aposentadoria por invalidez por acidente do trabalho, pensão por morte por acidente do trabalho, auxílio-acidente por acidente do trabalho, auxílio-doença e aposentadoria por invalidez. Os dados são do Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho, ferramenta criada pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) e Organização Internacional do Trabalho (OIT). Até hoje, foram gastos R\$ 96 bilhões no país.

Anualmente, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a economia brasileira perde cerca de 4% do Produto Interno Bruto (PIB), em razão de doenças e acidentes do trabalho. A OIT destaca que, além das perdas humanas destaca-se a perda de produtividade provocada por ambientes de trabalho inseguros ou insalubres. A agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), que reúne 17 Objetivos de Desen-

A OIT destaca que, além das perdas humanas, destaca-se a queda de produtividade provocada por ambientes de trabalho inseguros ou insalubres

volvimento Sustentável e 169 metas destaca em sua meta 8.8 que existe a necessidade de promover ambientes de trabalho seguros e protegidos para todos os trabalhadores.

O procurador do Trabalho Raulino Maracajá explicou que "o acidente de trabalho é aquele que ocorre no exercício do trabalho, a serviço da empresa, a serviço de um determinado empregador. Então esse acidente de trabalho, inclusive não só o acidente típico que estamos acostumados a ver, por exemplo quebrar um braço, uma perna. Mas temos também as doenças profissionais e doenças do trabalho decorrentes daquela relação de emprego, e temos uma série de outras atividades que são e poderão ser equiparadas a acidente de trabalho

segundo a própria legislação."

De acordo com dados da plataforma, de 2012 até hoje o país já registrou 5,5 milhões de acidentes de trabalho com trabalhadores de carteira assinada. Na Paraíba, foram notificados 6,2 mil acidentes de trabalho e doenças relacionadas no ano de 2018, o Estado ocupava a 15ª posição em números de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho no país. Entre 2007 e 2018 foram 36.317 casos notificados.

No mesmo período de 2007 a 2018 dos casos de doenças relacionadas ao trabalho, 42% tinham como motivação intoxicação exógena, ou seja, doenças causadas pela interação com um ou mais agentes tóxicos, o percentual representa 15.158 notificações. Os acidentes de trabalho graves foi o segundo em notificações, com 10.107 casos notificados. O número de crianças e adolescentes vítimas de acidentes de trabalho graves foi 4.638, já outros 4.257 trabalhadores foram vítimas de acidentes de trabalho com exposição a material biológico. Em seguida com 5% das notificações as Lesões por Esforço Repetitivo e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/DORT).



Foto: Ortilo Antônio

Sector da construção de edifícios está em segundo lugar nas ocorrências de acidente do trabalho

Fabricação de calçados tem mais trabalhadores afastados na Paraíba

O Observatório revela que segundo a Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) em 2018 o setor econômico com o maior número de notificações de acidentes de trabalho foi o de atividade de Correio, com 177 notificações. No acumulado de 2012 a 2018 o setor de fabricação de calçados vitimou 1.615 trabalhadores. Em seguida o setor da construção de edifícios com 1.158 notificações, em terceiro lugar com o maior número de notificações aparece o do

Correio com 1.118 notificações, o que corresponde a 6% das notificações do período.

Raulino Maracajá, que também é coordenador adjunto da Coordenadoria Nacional de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho (Codemat/MPT) na Paraíba, comentou sobre o setor que mais afasta profissionais na Paraíba, segundo dados do Observatório. "Analisando essa mesma ferramenta e pegando os dados da Paraíba temos que é o setor de fabricação de calçados que traz

mais afastamentos do que quaisquer outros em nosso estado. Entendamos que esses dados são relativos às CATs que foram emitidas, ou seja, as Comunicações de Acidente de Trabalho que a empresa fez certinho, o acidente e o reconhecimento daquele acidente de trabalho. Só que temos a certeza de que na maioria dos casos as CATs não são feitas. Então os números oficiais que trabalhamos são esses que foram formalizados, mas existirão acidentes e muitas notificações que não fo-

ram feitas da forma correta".

O setor hospitalar é o que mais registra afastamento de profissionais no país. Segundo o Observatório somente em 2018 foram 52,1 mil notificações de acidentes de trabalho envolvendo o setor das atividades de atendimento hospitalar. No acumulado de seis anos, entre 2012 e 2018 esse número ultrapassa as 378 mil notificações.

"Com relação aos acidentes de trabalho mais comuns no Brasil temos que segundo

os dados Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho que foi uma ferramenta desenvolvida pelo Ministério Público Trabalho junto com a OIT temos que atividade econômica que mais afasta no Brasil é atividade de atendimento hospitalar, comentou Raulino Maracajá.

A cada três horas, quarenta e três minutos e quarenta e dois segundos um trabalhador com carteira assinada morre por acidente de trabalho, é o que calcula o Observatório de Segurança e

Saúde no Trabalho. Entre 2012 e 2018 foram registradas 16.455 mortes no país.

Até hoje, desde 2012, mais de 430 mil dias de trabalho foram perdidos com afastamentos acidentários. Somente em 2012 foram 351.796.758 dias de trabalho perdidos. Os números do Sinan ainda estimam que de 2012 até hoje foram registradas mais de 3 milhões de notificações de agravos nos casos de doenças relacionadas ao trabalho.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

CIDADE QUE "NÃO TEM SORTE" NA POLÍTICA, BAYEUX PODERÁ TER QUINTO PREFEITO EM MENOS DE QUATRO ANOS, NA QUINTA

Não são somente os cientistas políticos ou os profissionais que cobrem o noticiário político que exprimem a seguinte opinião quando se referem à situação político-administrativa de Bayeux: "Não tem sorte". Inúmeros cidadãos de lá – ou da Grande João Pessoa – tem opinião similar. E, de fato, salta aos olhos essa condição de infortúnio que atinge o município, sobretudo a partir da eleição municipal de 2016, em que saiu vitorioso das urnas o jovem Berg Lima (sem partido), que logo foi apeado do cargo, por decisão judicial, acusado de um rosário de irregularidades, entre as quais corrupção e peculato. Já são quatro os que passaram pela cadeira de prefeito em apenas dois anos: além de Berg, assumiram Luiz Antônio (PSDB), que era o vice, mas foi cassado pela Câmara de Vereadores, também por ato de corrupção, de acordo com denúncia do Ministério Público; Mauri Batista (PSL), conhecido como Noquinho, que foi presidente do Legislativo municipal, além de Jefferson Kita (foto), que também assumiu a presidência da Câmara e, assim, foi alçado à condição de atual prefeito interino. Na próxima quinta-feira, ocorrerá eleição indireta – por que Berg renunciou ao cargo. Seis chapas estão inscritas, inclusive numa delas, Kita é um dos postulantes. Caso ele não ganhe, Bayeux terá um quinto prefeito em menos de quatro anos. Essa situação já entrou para o anedotário político da Paraíba.

Foto: Divulgação



POSSE OCORRERÁ NO SÁBADO

De acordo com as regras estabelecidas pela Câmara de Vereadores de Bayeux, após a eleição indireta para a escolha do prefeito e do vice-prefeito, na quinta-feira, a posse dos eleitos ocorrerá no sábado, dia 15, às 7h. Aliados do ex-prefeito Berg Lima, os vereadores Luciene de Fofinho (PDT) e Inaldo Martins (MDB) formaram chapa para a disputa.

"PARA LOTEAR A PREFEITURA"

Para o atual prefeito interino de Bayeux, Jefferson Kita – que formou chapa com Fabiano Constâncio – a presença de aliados de Berg Lima na disputa é uma forma que o ex-prefeito encontrou para continuar mandando na prefeitura. "É um jogo de barganha para lotear a prefeitura. O ex-prefeito formou um grupo com esse objetivo", acusou.

PELA VICE-PRESIDÊNCIA

Até a próxima quarta-feira, deputados da bancada de oposição vão decidir se o grupo lançará candidato ao cargo de vice-presidente da ALPB, que ficou vago após o falecimento de Genival Matias. Lançarazes podem até fazê-lo, uma vez que não há impedimento legal para isso. Difícil será a base governista, maioria na Casa, não reagir para manter-se no cargo.

POR FIDELIDADE PARTIDÁRIA

Nem todos os vereadores da base aliada do prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo, votarão em Edilma Freire, caso ela seja confirmada em convenção como candidata do PV. Entre eles, está o presidente da Câmara Municipal, João Corujinha (PP). Ele explica: votará em Cícero Lucena, que é de seu partido, por questão de fidelidade partidária.

"MAIS DO QUE NORMAL"

Pré-candidato a prefeito de João Pessoa pelo MDB, Nilvan Ferreira se pronunciou sobre a visita do prefeito Luciano Cartaxo ao senador José Maranhão: "Mais que do normal, um prefeito da capital e um senador se encontrarem. Não significa que o prefeito vai retirar a candidatura do PV e que o MDB vai retirar a sua candidatura".

CASA DE MARANHÃO SE TORNA 'PONTO DE PEREGRINAÇÃO' DE PRÉ-CANDIDATOS

A casa do senador José Maranhão, no Altiplano, em João Pessoa, se tornou, nos últimos dias, ponto de peregrinação, digamos assim, de vários pré-candidatos a prefeito. Por lá já passaram Ruy Carneiro (PSDB) e Cícero Lucena (PP), assim como o prefeito da capital, Luciano Cartaxo, que tenta dar viabilidade à pré-candidata do PV, Edilma Freire.

Luiz Alberto Gonçalves Amorim

Diretor técnico do Sebrae-Paraíba

“Depois de piora, pequenos negócios começam a reagir”

Perdas no faturamento das empresas devido à pandemia de covid-19 começam a diminuir e há expectativa da volta do crescimento

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Um levantamento feito pelo Sebrae, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), entre os dias 25 e 30 de junho, apontou que as micro e pequenas empresas brasileiras estão reagindo diante dos impactos da pandemia. A perda média de faturamento foi de 51%, contra 70% apurados na primeira semana de abril. Na Paraíba, 85,2% dos negócios tiveram o faturamento mensal corroído.

As informações fazem parte da 5ª Pesquisa “O Impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios”, conduzida com 6,4 mil participantes (66 na Paraíba), entre microempreendedores individuais (MEIs), microempresas e empresas de pequeno porte.

Podem ter pesado neste recuo do prejuízo a oferta maior de linhas de crédito, o abatimento de impostos estaduais pelo governo (uma série de 21 medidas foi anunciada no mesmo período por João Azevêdo), bem como a adoção de soluções criativas para atravessar este período amargo. Com 54% de negócios conectados, a Paraíba foi o segundo Estado a apostar mais fichas no mercado digital para movimentar a produção, superando a média nacional (de 44%) e só ficando atrás do Tocantins (com 58%).

Sobre isso, A União conversou com o diretor técnico do Sebrae-Paraíba, Luiz Alberto Gonçalves Amorim.

A entrevista

Pela sua análise, como está o panorama atual dos pequenos negócios na Paraíba?

■ O momento atual é de mudança. Aqueles [pequenos empresários] que permaneceram reúnem forças para se recuperar. Sabemos que o vírus não vai embora por força de decreto, mas estamos esperançosos que o movimento de flexibilização avance – e para que não retroceda, vai depender do esforço consciente de cada um em se proteger. As empresas seguem cumprindo o seu papel social e, se todos contribuírem, o horizonte será promissor.

Quais são os setores mais afetados pela crise?

■ Sem dúvida, toda a cadeia do turismo: desde os voos, pacotes de viagens, passando pelo setor de hotelaria aos passeios guiados. Penso que é o momento de o trade se reformular. Outro segmento muito prejudicado é o artístico e cultural. O varejo, de maneira geral, sofreu um duro golpe; mas há os que con-

seguiram encontrar um meio de operar pelo sistema de delivery. Enfim, do vendedor de praia aos que dependem de feiras e convenções para girar a economia, todos se viram duramente atingidos.

///As expectativas são de que, se não houver revés, dentro de 90 dias os clientes voltem (...) Pelo fato de os negócios terem ficado tanto tempo fechados, com os estoques, reequilibrar despesas e receita de forma plena, só em 2021 ///

Sabemos que a crise econômica é global, mas as saídas encontradas pelos países, diferentes. Os ajustes econômicos do governo Bolsonaro no socorro aos pequenos negócios foram ideais?



Luiz Alberto elogiou as medidas tomadas pelo governo do Estado para incentivar a retomada da economia

■ Vejo que sim. A medida provisória que flexibilizou a relação trabalhista ajudou a segurar os empregos, porque dividiu a responsabilidade de pagar o empregado entre governo e patrão. Imagina uma empresa que fechou e, de repente, teve de lidar com todos os encargos, sem saber quando teria a possibilidade de reabrir? Ainda que insuficiente, o auxílio emergencial possibilitou um socorro aos que, por sua vez, zeraram por completo a sua arrecadação. Pense, por exemplo, no vendedor de maçã do amor que só trabalha em festas, e tem nisso a única fonte de renda. Quase 25% da população brasileira depende do benefício e espero que o governo o prorrogue, à medida que o país consiga arrecadar.

Na sua opinião, quando as empresas devem começar a se equilibrar financeiramente?

Variará muito de empresa para empresa. Este ano ainda é de recuperação. As expectativas são de que, se não houver revés, dentro de 90 dias os clientes voltem – o que não significa normalização de fluxo de caixa. Quem é do comércio, e depende dos ciclos promocionais, perdeu datas importantes, como o Dia das Mães, Namorados e o período junino. Pelo fato de os negócios terem ficado tanto tempo fechados, com os estoques parados (e me refiro aos que sequer contavam com a opção de delivery), reequilibrar despesas e receita de forma plena, só em 2021.

Surpreende o fato de a Paraíba usar tanto a tecnologia para vender, conforme mostrou o relatório “O Impacto da pandemia...”?

■ O que já era uma prática só se fortaleceu com a pandemia. Foi uma das poucas coisas que ela nos trouxe de positivo; já que as pessoas buscaram se capacitar e aliar a necessidade ao aprendizado. Um dos parâmetros está na procura pelos nossos cursos gratuitos a distância: o de Marketing Digital é o recordista, seguido pelo de Gestão Financeira e o de Como Empreender.

Das 21 medidas de prorrogação e suspensão de impostos estaduais anunciadas pelo Governo da Paraíba, quais as mais decisivas para desafogar as empresas?

■ Todas, sem hierarquia. Porque as retomadas têm passivos, as obrigações ficam e as medidas importam na medida em que dão fôlego para o empreendedor ir se recuperando. Mostra a capacidade do governo de dialogar com as empresas e saber das suas dificuldades. A micro e pequenas empresas respondem por 98% das pessoas jurídicas cadastradas. São elas que sustentam toda a economia e que precisam de incentivos para continuar crescendo.

Falando em incentivos, quais as estratégias que o Sebrae discute com os empreendedores?

■ O Sebrae presta um contínuo serviço de consultoria empresarial gratuita e online por meio do nosso portal (www.sebraepb.com.br) e conseguimos recrutar vários empreendedores em cursos de capacitação a distância, como disse. Temos uma equipe de plantonistas para tirar dúvidas e oferecer soluções sobre diversos temas – tanto que os atendimentos aumentaram 20% de janeiro a abril em relação ao mesmo período do ano passado. É por isso que planejamos abrir as nossas agências em todo o Estado para atendimento presencial, diariamente, das 8h às 12h, mediante agendamento via telefone 0800-570 0800 (a unidade do Shopping Mangabeira atenderá das 14h às 18h). Quem nos procura porque perdeu o emprego não quer ficar parado. Pelo contrário: busca novas oportunidades, se informar e empreender: este é o grande diferencial.

///Todas são importantes (as 21 medidas de incentivo à economia do Governo do Estado), sem hierarquia...

Mostra a capacidade do governo de dialogar com as empresas e saber das suas dificuldades ///



Foto: Marcus Antoinius

Empresas usarão o restante deste ano para se recuperar dos prejuízos causados pela pandemia

Foto: Divulgação



Foto: Otílio Antonio

Dia dos Pais celebra a força do amor em tempos de covid

Alegria, esperança, afeto, saudade e tristeza são alguns dos sentimentos que vão marcar a data neste domingo

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Os efeitos da pandemia do novo coronavírus afetaram as comemorações em família. Aniversários e outras datas festivas têm sido celebradas via chamadas de vídeo, através de uma ligação, uma mensagem e, neste domingo, Dia dos Pais, não será diferente. Seja o papai de primeira viagem que não pode contar com o apoio das avós, o médico que precisou se afastar da família, o pai que está com um filho no hospital ou o que perdeu seu filho, eles garantem, através de suas experiências particulares, que apesar do cenário nebuloso, o mais importante é o amor envolvido.

Henrique, primeiro filho do clínico geral Ellton Pereira Lima, tinha apenas 15 dias de vida quando a pandemia começou. Após os plantões, era imensa a angústia do médico ao chegar em casa e não ter a certeza se seria

portador assintomático do novo coronavírus, correndo o risco de contaminar a família. "Tudo isso gerou uma ansiedade, somada a uma tristeza enorme, que foram me deixando cada vez mais desestimulado a exercer o meu ofício", contou.

Ao apresentar um quadro de rinite, ele passou a usar máscara rotineiramente e manteve certa distância do filho e da esposa, a enfermeira Dayse Caetano Ramalho Lima, que não está exercendo a profissão. Por precaução, fez o swab nasal. O médico testou positivo, mas antes mesmo de saber o resultado, já havia se afastado totalmente dos dois.

"Comprei uma barraca de acampamento para fazer o isolamento na garagem de casa. Eu não iria conseguir ficar totalmente longe do meu filho e da minha esposa. Precisava vê-los nem que fosse à distância, da porta da garagem", disse. O isolamento durou cerca de 20 dias e só então, tomando as

medidas necessárias, o médico retornou à casa. "Vou poder desfrutar meu primeiro Dia dos Pais ao lado do meu filho", comemorou.

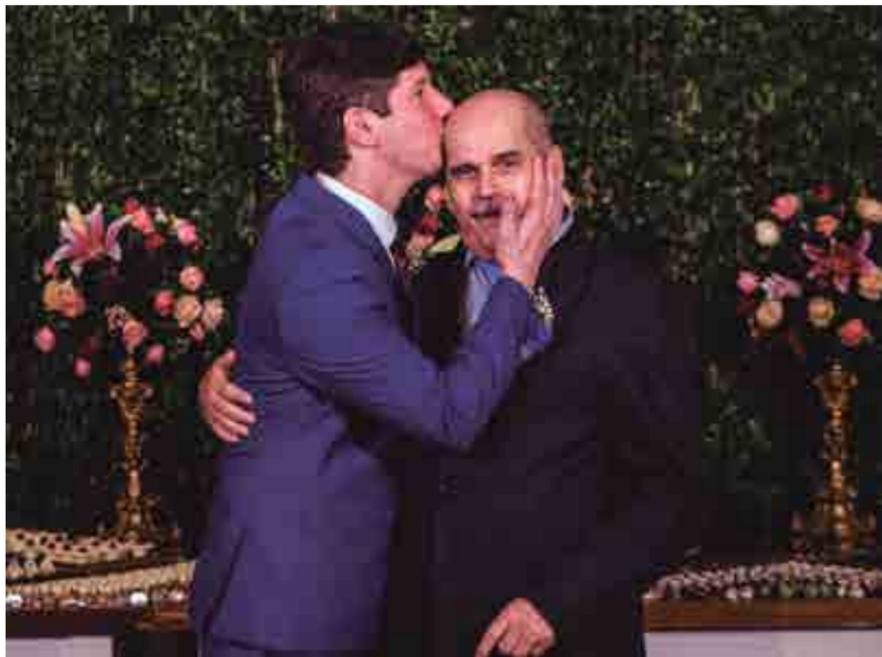
Para Ellton, essa pandemia veio nos mostrar como as relações familiares estavam desgastadas, como as pessoas estavam distantes umas das outras mesmo morando sob o mesmo teto. "Com o coronavírus, vejo que as relações familiares estão se fortalecendo, as pessoas se reaproximando, deixando um pouco mais de lado a vida vazia das redes sociais e voltando a ter bons diálogos dentro de casa", acrescentou.

// Comprei uma barraca para fazer o isolamento na garagem de casa. Eu não iria conseguir ficar longe do meu filho e da minha esposa //



Fotos: Arquivo Pessoal

Clínico geral, Ellton Pereira não quis colocar em risco a saúde de sua família e achou uma forma de protegê-la



Para Vicente Lamemha (D), hoje o dia é de saudade e boas lembranças de Eduardo Araújo, uma das vítimas fatais da covid-19

"O meu filho foi tudo para mim"

"Foi uma vida intensa que nós tivemos. Ele conviveu comigo desde os dois anos de idade. Vivemos uma vida estupidamente intensa, muito real, verdadeira, com muito amor, muito carinho. Se juntou aos meus três filhos verdadeiros como se fosse de sangue. Só quem conhecia sabia. Perdê-lo está sendo uma dor imensa, uma coisa absurda, uma dor sem tamanho. A gente sente a morte de um cachorro, de um gato, imagine ele, um filho, com a alma que tinha, uma pessoa extraordinária, iluminada. Ele não merecia essa dimensão. Por isso, Deus o levou".

O depoimento emocionado é de Vicente Lamemha, 74 anos, padrasto de Eduardo Araújo, que faleceu aos 33 anos, no dia 28 de junho, vítima da covid-19. Com um futuro promissor à frente do clube SP Crystal, onde ocupava o cargo de diretor executivo, ele não resistiu a uma pneumonia em decorrência da doença, após 20 dias de internação. O pai biológico sequer teve condições de falar sobre a perda.

Aluno de primeira qualidade, conforme Lamemha, Eduardo nunca deu traba-

lho. Para o filho de seis anos, sempre se desdobrou. "Ele era um super pai. Todos os dias ia buscá-lo na escola. Passava metade da semana com ele e metade com a mãe. Nunca negligenciou o filho. Dedicava todo o tempo possível", contou.

Para o padrasto, que foi presidente do clube Auto Esporte e encaminhou Eduardo para a vida esportiva, pais nunca deveriam enterrar os filhos. "O filho enterra o pai com muita dor, principalmente se houve harmonia, mas entende que chegou a hora dele partir. Minha mãe enterrou um filho com 21 anos e só agora entendo a dor que ela sentiu. Pouco mais de 30 dias do passamento dele e eu sei que ele nunca vai sair de nossa memória. É um sentimento muito forte", constatou.

Lamemha conta que Eduardo viveu uma vida intensa, amado por todos e amava a todos. Não tinha limites para se dedicar.

"Tudo que se pedia ou precisava ele se dispunha a fazer. O legado que ele deixou foi de paz, amor e harmonia. O meu filho foi tudo para mim", lembrou.

+ Alta da filha é o melhor presente

Para o chavero Wamberto Amaro de Sousa, este Dia dos Pais vai ser celebrado com alegria. Já estava tudo certo: ele passaria a data no Hospital Metropolitano, em Santa Rita, onde acompanharia a filha, internada na unidade neurológica fazendo o tratamento há mais de dez dias. Mas na última sexta, sua filha Jamiles recebeu alta "Foi o melhor presente que poderia ter recebido", afirmou.

Com a esposa às vésperas de ter o quarto herdeiro da família e o primeiro menino, e a filha mais velha, de 21 anos, também gestante, ele foi a única opção que restou para acompanhar Jamiles.

"Vou ser pai outra vez e avô no mesmo ano. Vou ter meu primeiro filho homem, mas diante de tanta alegria, fiz meu papel de cuidar da minha filha. Nesse momento de pandemia, minha esposa, que está com sete meses, e minha filha, grávida de quatro meses não

poderiam ficar no Hospital", afirmou.

Esta não foi a primeira vez que Wamberto acompanhou uma das três filhas no hospital. Sempre que foi necessário, lá estava o pai disponível para ajudar no que fosse preciso. "Eu nunca me importei. A gente faz quase o impossível pelos filhos, e eu vou acompanhar até onde for necessário. Queria fazer mais por elas, mas tenho minhas limitações. Me considero um bom pai, fazendo o máximo que posso e faço isso por qualquer uma de minhas filhas com muito amor", afirmou.



Dedicação: Wamberto Amaro alimenta a filha Jamiles, no hospital



Para esclarecimento, a foto da Lagoa de João Pessoa (PB) presente na edição de julho/agosto de 2015 na Revista Menu Viajante, produzida à época pela TAM Viagens, é de autoria do fotógrafo Custódio D'Almeida Azevedo Filho e não foi devidamente creditada.

A LATAM lamenta o ocorrido e informa que já se retratou legalmente com o proprietário da imagem.

E eis que na pandemia há também a vida que pulsa

Para alguns, o Dia dos Pais será de esperança, pois tornar-se pai em plena pandemia requer muita coragem

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Enquanto para alguns, a pandemia foi marcada pela despedida de um ente querido, para outros, o período trouxe alguém muito esperado e será sempre sinônimo de grande alegria, apesar de todos os medos impostos por uma situação nunca vivida. É o que pensa o gerente de contas Rafael Menezes, que celebrou o nascimento de sua primeira filha, Ana Beatriz, no dia 11 de abril. O dia vai sempre ser motivo de comemoração.

“Nossa filha é nossa maior vitória, mas assim que ela nasceu, foi bem complicado. Não tínhamos tanta informação sobre a doença, grupos de risco. E o que mais nos inco-

modou foi a questão do isolamento. Seguimos à risca, mas por sermos pais de primeira viagem, não entendíamos nada do que era ter um filho, como cuidar, e não podíamos contar com a ajuda dos nossos pais. Minha mãe trabalha em farmácia e, como tem contato com muita gente, não poderia estar conosco”, lembrou.

Para ele, foi um período desafiador, mas mesmo sem experiência, o casal aprendeu muito. “De tudo a gente tira um lado bom. Nessa pandemia, estou trabalhando de casa, posso acompanhar o tempo todo e ajudar minha esposa. É uma parte boa que a gente tirou disso tudo. Foi complicado no início, mas o benefício está sendo maior”.

Rafael não vai passar o domingo com seu pai, que

mora em outra cidade, mas vai viver um momento único na vida. “Vou estar com minha filha e a expectativa é a melhor possível. Estamos sonhando com esse dia. Eu e minha esposa faremos um café da manhã, vamos acordar cedo, aproveitar o dia todo, dentro das possibilidades que temos. O ideal era passar com a família toda, mas ainda estamos nos resguardando”, disse.

“Rafael é o paizão que eu sempre esperei que fosse. Sempre foi muito cuidadoso comigo e essa experiência está sendo muito rica para nós. É tudo muito novo, mas estamos vencendo o desafio. E para este domingo, as expectativas são as melhores”, acrescentou a arquiteta Maria Luiza Perruci, mãe de Ana Beatriz.

+ Esse momento pede resiliência

O Dia dos Pais, assim como o Dia das Mães, é uma data simbólica e até mesmo comercial. “Se a gente parar para pensar, Dia dos Pais e das Mães é todos os dias, porque diariamente enfrentamos um leão pelos nossos filhos e vice-versa. Estar diante de uma fase tão delicada deixa o nosso sentimento muito mais à flor da pele. E, nessa sensibilidade, nessa instabilidade emocional, muitas pessoas tendem a desenvolver alguns sintomas de ansiedade, a questão que envolve as lembranças, porque se sentem privados desse contato”, explicou a psicóloga Danielle Azevedo.

E o que muda a partir de agora? “Não temos como não pensar em resiliência. A gente está vivenciando uma fase de muita privação em que não podemos visitar pessoas, abraçar, se aglomerar, confraternizar, comemorar chegada de crianças. Até mesmo nos velórios, nos sepultamentos, não podemos estar nos despedindo das pessoas que a gente ama. É uma fase de privação, onde nos sentimos obrigados a obedecer a essa regra para proteger não somente a mim, mas quem está ao meu redor”, observou.

Na avaliação dela, o distanciamento social veio muito forte com relação a isso. Algumas pessoas, por exemplo, são de risco, estão num quadro de doença bem limitada e por amor à família e os amigos precisam se distanciar para garantir que todos sairão dessa fase de pandemia sãos e salvos.

“Além de tudo isso, eu enxergo uma prova de amor também, não somente o

amor próprio, mas para com o próximo. E a resiliência nos ensina exatamente isso, que diante das situações mais diversas, mais difíceis, a gente consegue extrair algo positivo. As pessoas estão mais solidárias, mais prestativas. Existem pais muito mais apaixonados pelos filhos e os filhos pelos pais, porque é como se toda esta situação estivesse aguçando sentimentos”, completou a psicóloga.

Mudança de comportamento

Dos casos clínicos que chegam aos consultórios e nos atendimentos online, algo que se tornou evidente para a psicóloga Danielle Azevedo, é que as pessoas estão valorizando muito mais o vínculo afetivo, familiar.

O que não era feito passou a ser feito num período curto: o resgate, a saudade, entrar em contato, fazer uma ligação, as próprias chamadas de vídeo em grupo que fazem com que as pessoas se aproximem de alguma maneira.

“Então, o que parecia ser algo impossível passou a estar mais próximo devido a esse sentimento causado pelo estigma de morte que é trazido pela covid-19, mas que nos permite entender e elaborar que pode ser diferente, se permitirmos que seja”, avaliou a especialista.

Pandemia trouxe lições

A pandemia mostrou que todos têm medo de ficar doente, de morrer ou de perder uma pessoa querida. E esse é um lado bem amargo, mas é necessário aprender a aceitar cada situação.



A pequena Ana Beatriz, aninhada e protegida no abraço caloroso do pai, o gerente de contas Rafael Menezes

Foto: Arquivo Pessoal

Perfil religioso do Estado revela maior diversidade

Fórum registrou mais de 35 expressões religiosas nos últimos anos na PB, com destaque para Budismo e Islamismo

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

As expressões religiosas consideradas não tradicionais estão em ascensão na Paraíba. O Fórum Diversidade Religiosa da Paraíba catalogou mais de 35 expressões religiosas nos últimos dez anos no Estado. O coordenador do Fórum Diversidade Religiosa na Paraíba, Saulo Gimenez, cita as expressões religiosas que obtiveram um crescimento expressivo na Paraíba, com destaque para o Budismo (Zen Budismo e Tibetano) e o Islamismo.

Contudo, existem outras em ascensão também. “Apesar do Judaísmo também ser do Oriente o crescimento foi mais discreto. Além do paganismo na Bruxaria Tradicional e na Wicca, a União do Vegetal, Santo Daime e Vale do Amanhecer, religiões de matriz africana, A Igreja Messiânica e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mostraram um aumento significativo no número de adeptos”, destacou.

O fórum atua há sete anos na construção do respeito à diversidade religiosa no Estado, tendo como bandeiras de luta: o diálogo interreligioso, o combate à intolerância religiosa, a defesa do ensino religioso no Estado laico, além do fomento a uma cultura de paz.

Já para a historiadora e pesquisadora das religiões de matriz africana, Vanuza Cavalcanti, não ocorreu um crescimento nos últimos anos do Candomblé, Umbanda, Jurema Sagrada (entre



Foto: Arquivo Pessoal

De acordo com o fórum, os praticantes do Budismo têm crescido muito no Estado, com reuniões sendo feitas com frequência em vários pontos das cidades

outras), mas sim, um aumento da visibilidade das casas religiosas existentes na Paraíba.

“Antes do primeiro governo de Lula não se ouvia falar destas casas em João Pessoa. A partir dele, foram instituídas políticas públicas para os povos tradicionais, dando visibilidade aos terreiros. Ano passado foram mapeados 251 espaços sagrados de matriz africana e terreiros no município de João Pessoa, Bayeux, Santa Rita, Conde, Alhandra e Cabedelo. Imagine se ampliarmos para todo o Estado?”



Foto: Arquivo Pessoal

O Islamismo é outra prática com o religamento espiritual que desponta com certa visibilidade em João Pessoa

///A estatística de opinião pública traça um retrato baseado em um grupo. Mas esse modelo não funciona para todo tipo de adesão ///

Faltam estatísticas

Na opinião do historiador e pós-doutor em Ciências das Religiões, Carlos André Cavalcanti, o perfil religioso paraibano é interessantíssimo, porém, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores do curso de Ciências das Religiões é a ausência de estatística plena, confiável e que tenha um caráter de censo demográfico.

“A estatística de opinião pública traça um retrato da sociedade, baseado em um grupo percentual de 800, 2 mil, 5 mil entrevistados. No entanto, esse modelo não funciona para todo tipo de adesão. As adesões política e demográfica conseguem refletir bem isso, mas algumas circunstâncias étnicas não são aferíveis por meio de pesquisa de opinião pública simplificada por melhor que seja a amostragem”, disse. Uma pesquisa do DataFolha teve como objetivo avaliar o presidente Jair Bolsonaro no primeiro ano do governo. Segundo o levantamento, 10% dos entrevistados não têm religião, 3% são espíritas e 2% são de religiões de matriz africana. Foram realizadas 2.948 entrevistas em todo o Brasil, distribuídas em 176 municípios. A margem de erro da pesquisa é de 2 pontos percentuais, para mais ou menos.

Processo de laicização também contribuiu para migração a outras religiões

Nos últimos 20 anos, muitos católicos fizeram a migração para as igrejas evangélicas (protestantes, pentecostais e neopentecostais) na Paraíba. “Neste trânsito religioso, devemos levar em consideração que a matriarca, por exemplo, acabava levando aos poucos a sua família”, disse Saulo Gimenez.

O cofundador da comunidade Islam, Antônio Andrade, é um exemplo do processo de

trânsito religioso. Ele era católico mas decidiu procurar outra religião por não concordar com alguns dogmas da igreja, hoje é convertido ao Islam.

“Minha divergência era teológica sobre alguns conceitos do Catolicismo como a existência da trindade, mas a espiritualidade eu já cultivava. Converti-me ao Islam porque algumas crenças me pareceram mais coniventes com a Bíblia e com o

que acredito. Enxergamos Jesus Cristo como um profeta importante, mas para o Islam ele não é Deus. Muitos muçulmanos dizem que sentiram um chamado, mas a minha conversão foi bem pragmática”, revelou.

O professor da Faculdade Santíssima Trindade (PE) e pesquisador sobre religião, Renan Maia, explica que a partir da redução na influência do Cristianismo, outras expressões religiosas passaram a ter mais espaço no Brasil por, talvez, apresentarem uma forma mais livre e menos institucionalizada de espiritualidade. “A perda de influência do Cristianismo veio acompanhada por uma crescente busca espiritual em religiões menos convencionais e não-hegemônicas. Entre estas podemos destacar, por exemplo, as religiões de matriz africana ou até filosofias e correntes

espiritualistas que focam mais no autoconhecimento. O Budismo é um bom exemplo disso”, pontuou.

A religiosidade de Lirismar Galvão, 57 anos, assim como a maioria dos brasileiros começou no Cristianismo. Ela não se sentia preenchida espiritualmente na religião católica mas frequentou, durante muitos anos, o grupo religioso Legiões de Maria – um grupo que pregava o Evangelho às pessoas enfermas em hospitais ou presídios. Apesar do respeito à Nossa Senhora, Lirismar não era devota à santa. Ela gostava de interceder pelas pessoas e aconselhava-as a orar em silêncio. Sempre gostou da sabedoria do silêncio, mas não entendia o porquê. “Não frequentava o grupo pela religiosidade e sim pela ação benéfica. Eu me sentia bem mas tinha meus questionamentos internos: qual o sentido da vida? Por que eu tenho tanta melancolia? Ansiedade?”, relembrou.

Através de sua irmã conheceu a meditação orientada. Começou a se identificar com a prática por causa da concentração e busca por espiritualidade através do equilíbrio da mente. Em 2010, conheceu o Budismo na Escola de Filosofia Indiana, Brahma Kumaris, localizada na

Índia, passando 24 dias imersa naquele universo. Quando voltou a João Pessoa, começou a frequentar o Centro de Estudos Budistas Bodisatva (Cebb). “Pratiquei um ano no Cebb. Foi lá que conheci Ravic – um dos fundadores do Budismo em João Pessoa. Ele e outras pessoas próximas a mim saíram de lá por questões internas, então, não me sentia bem em continuar sem eles. A nossa saída culminou na criação do Zen Budismo em minha casa”, disse.

O Budismo é uma prática de transformação da mente. Lirismar conta que o entendimento da realidade melhorou após conhecer o Zen Budismo. “Qual era a minha visão em relação à morte, ao sofrimento, à doença? À medida que você vai conhecendo o Zen Budismo, você fica mais desapegado. O que faz com que você sofra é o apego às coisas, às pessoas. Quando você se toca que a morte é um processo natural da vida inevitável, em vez de ficar preocupado com algo que nem aconteceu, preferimos fazer a vida valer a pena. Tanto é que o Budismo está ligado a quatro preceitos: vida preciosa, impermanência, carma e sofrimento. Então, passamos a lidar com essas circunstâncias”, revelou.



Foto: Arquivo Pessoal

O Budismo é uma prática de transformação da mente e espírito, através de muita entrega

///A perda de influência do Cristianismo veio acompanhada por uma crescente busca espiritual em religiões menos convencionais e não-hegemônicas ///

Num recanto bonito do Brasil, surgiu a terra amada

Com 435 anos de fundação, João Pessoa nasceu no rio, sem passar pelo estágio de vila, e ancorou no mar

Dina Melo
dinapereirademelo@gmail.com

Quantos sorrisos de saudade se abrem ao se falar de João Pessoa? A jornalista baiana Rosa Varjão se desfez de 31 anos de convívio ao retornar, em 2019, para a sua Juazeiro natal. Em sua fala, se desmancha: “Cheguei a João Pessoa aos 28, em 1988, para cursar a universidade, pensando ‘Agora sou eu ou eu’. Aprendi na Residência Feminina a conviver com as diferenças sociais, de credo, de sexualidade e raças, a partir das quais criei uma percepção das desigualdades que fundaram o meu ativismo e os vínculos de amizade que mantenho até hoje. Aprendi a amá-la como ela soube me acolher. João Pessoa é uma cidade que me reconhece como pessoa que não passou aqui só por passar”, emociona-se.

Acolhimento é a tônica dos discursos daqueles que pela capital passam, a ela se rendem, ou dela se despedem. Em cada recanto da cidade de 435 anos, guardam-se memórias que constituem as pessoas, artífices da sua história. “Sinto falta do clima maravilhoso, do encontro com os amigos no Parque Cabo Branco e Lagoa, dos passeios pelas praias. Me sentirei pessoense eternamente, para onde, sem dúvidas, quero voltar”, endossa a revisora Braille Alseni Maria da Silva, que mora em outro Juazeiro (do Norte, no Ceará).

Igrejas seculares

Nascida às margens do Rio Sanhauá, com o nome da padroeira, Nossa Senhora das Neves, João Pessoa é a terceira cidade mais antiga do Brasil. Nunca foi vila, povoado ou aldeia. Teve três batismos antes do atual: Filipeia de Nossa Senhora das Neves (1585), Frederica (1634) e Parahyba (1654). Adotou João Pessoa em homenagem ao governador assassinado em 1930 por seu desafeto, o advogado e jornalista João Dantas, em represália pela

devassa feita em seu escritório e publicação de documentos pessoais no Jornal A União.

“A comoção foi enorme. Os núcleos revolucionários deram à sua morte um sentido político que não tinha, a que se juntaram outros elementos para justificar a Revolução de 1930 [liderada por Getúlio Vargas]. Na Paraíba, essas narrativas foram fortemente alimentadas pelos jornais, que alçaram o governador morto a mártir”, conta o historiador Martinho Guedes dos Santos Neto, autor de “Regime de Interventorias – Política e Sociedade na Pa-

raíba da Era Vargas (1930-1945)”.

João Pessoa (a cidade) conta com um rico acervo arquitetônico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O seu Centro Histórico cobre uma vastidão de 370 mil metros quadrados (equivalente a 52 campos de futebol), com 502 edificações, sendo 11 templos (três pertencentes às ordens católicas carmelita, franciscana e beneditina; já a Companhia de Jesus no Brasil construiu a primitiva Igreja São Gonçalo, em 1591, que foi demolida em 1929 por João Pessoa para virar

Foto: Alessandro Potter



O Centro Histórico começa à beira do Rio Sanhauá, com 370 mil metros quadrados e 502 edificações

jardins do Palácio do Governo).

Os mais famosos conventos são o do Carmo (1763), São Francisco (1779), São Bento (idade incerta no século 15) e da Misericórdia (1612) – este o mais antigo ainda em pé. “No século 17, houve o predomínio do estilo barroco e do maneirismo, no [século] 18 do rococó, no [século] 19 do neoclássico e, a partir do [século] 20, do eclético, com suas vertentes: art nouveau, art déco e até de referências da arquitetura egípcia, presentes no Prédio dos Mórmons da Avenida General Osório, no Varadouro, por exemplo”, elenca Helton Cabral de

Medeiros, pesquisador do Patrimônio Histórico.

Para Medeiros, toda essa fusão expressa nas obras seculares (cujas construções também demandaram mais de século, a exemplo das Igrejas do Carmo e São Francisco, erguidas torre a torre) reproduzia tal e qual a arquitetura europeia. “Esta ruptura em busca de um estilo próprio só se dará a partir dos anos 1930, quando Burle Marx decide plantar palmeiras e ipês no entorno da Lagoa. Se não fosse essa renovação paisagística, a gente estaria até hoje cultivando grama e roseira, como na França. Nada contra grama e roseira”, ironiza.

A Igreja de São Francisco faz parte do conjunto barroco-rococó mais completo da América Latina

Foto: Dayse Euzébio



O espetáculo da florada no coração da cidade

Uma pesquisa em andamento feita pela Secretaria de Meio Ambiente (Semam) da Prefeitura de João Pessoa calcula que há, aproximadamente, 300 mil árvores em áreas públicas, como canteiros centrais, passeios viários, praças e parques urbanos, com destaque para os Parques da Lagoa (Centro), Parahyba (Bessa) e Augusto dos Anjos (Gramame). Mas, é no Centro que acontece um dos mais belos espetáculos da natureza.

“Não estão incluídas aquelas espécies localizadas no interior de imóveis e nas grandes áreas de conservação e proteção, a exemplo da Bica e da Mata do Buraquinho, um dos principais remanescentes de Mata Atlântica na Paraíba, que toma 570 hectares”, explica o engenheiro agrônomo Anderson Fontes, diretor da Divisão de Controle Ambiental da secretaria.

Apesar de toda essa variedade, uma espécie em particular chama bastante atenção e faz parte do cartão postal de nossa cidade. “A árvore-símbolo do pessoense é o ipê-amarelo, presente nos corredores da Getúlio Vargas e, principalmente, circundando a Lagoa”, ressalta Fontes. O espetáculo da florada, que não tem data nem prévio aviso para acontecer, é um deleite visual que forma um tapete dourado no coração da cidade, cenário inescapável para um clique.

Entre casarões e choupanas

Quantas cidades comporta uma mesma cidade? Existe uma João Pessoa central, a histórica, a suburbana, e existirão outras inúmeras dentro da capital. Mas há uma “cidade” que é privilégio para poucos quando falamos em moradia: a região das praias. Cabo Branco, Altiplano, Tambaú e Manaíra ostentam um custo de vida alto, com os metros quadrados mais caros, traduzindo a medida visível da distinção social. Foi sempre assim?

O jornalista e engenheiro Carlos Pereira apresenta o quadro “As Crônicas da Cidade”, diariamente, às 7h, no Jornal Estadual da Rádio Tabajara. São lembranças de uma João Pessoa das décadas de 50, 60 e 70, narradas em delicioso tom nostálgico, em que a vida social girava em torno dos bairros centrais e não se avistavam nem de longe os problemas de uma cidade de 721 mil moradores. Ir à praia, então, uma aventura. “Nos anos 50, quando menino, eu morava em Jaguaribe. Para ir a Tambaú, pegava o bonde com os meus pais, os trilhos descendo a Avenida Ruy Carneiro. À medida que nos aproximávamos da praia, vinha o cheiro do mar e do guajiru, até difícil de definir”, lembra.

O cronista conta que a orla era de pouquíssimas casas para veraneio dos ricos e de choupanas e casebres dos pescadores. Ainda assim, havia movimentação no famoso Elite Bar, no final da Avenida Ruy Carneiro (onde hoje existe uma agência bancária), e de encontros de casais apaixonados à beira-mar.

O ponto de inflexão da urbanização rumo ao leste, para o cronista Carlos Pereira, deu-se na virada da década de 70, no governo João Agripino, com a construção dos primeiros grandes prédios na orla e calçamento das vias acessórias, antes acostumadas à poeira. O local preferido? “O Cabo Branco, pela beleza, bucolismo e ser o nosso extremo-oriental, tanto eternizado nas telas de Hermano José. João Pessoa veio do Rio, subiu o Ponto de Cem Réis e desceu o mar. Sou um apaixonado por esta cidade”.

Foto: Evandro Pereira





Foto: Divulgação

Na quarentena, Flávio Tavares retoma o tema dos engenhos

Artista plástico está dando continuidade à série com direito a homenagens ao escritor José Lins do Rego



Foto: Divulgação

Dentro da temática dos engenhos, o paraibano já produziu neste período 20 quadros, entre pinturas em tinta acrílica e a óleo

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

O artista plástico Flávio Tavares está aproveitando o tempo em que vem se mantendo em quarentena para se dedicar a uma atividade que não costuma fazer normalmente, ao longo de sua carreira, que é a de dar continuidade a assuntos já retratados por seus pincéis.

No momento, ele vem dando sequência a dois temas que já lhe inspiraram, em algum instante da sua trajetória, que são os engenhos, inclusive com uma homenagem ao escritor José Lins do Rego (1901-1957), e aos saltimbancos, mas especificamente com foco no circo.

“A quarentena desperta o imaginário. Então, tenho aproveitado esse tempo de isolamento social para ficar rememorando e dando sequência, continuidade a muita coisa que abandonei, ao longo do tempo, o que é normal na atividade de um artista”, disse.

O paraibano trabalha no ambiente que mantém há 26 anos em sua própria residência, localizada no Portal do Sol, no bairro Altiplano Cabo Branco, em João Pessoa. “Toda a minha vida foi marcada com o atelier, com simplicidade, dentro da casa onde moro. Eu tenho esse hábito desde a casa de minha mãe, na Rua Rodrigues de Aquino, na Rua da Palmeira. Nunca tive um atelier fora de casa, mas sempre em casa”.

O artista lembrou que começou a retratar o mundo dos engenhos em 1993, quando produziu o painel *A Caminho do Fogo Morto*, uma pintura em óleo sobre tela para a sede da Associação dos Plantadores de Cana da Paraíba (Asplan), então presidida por Rubens Lucena e localizada no Centro da capital paraibana. Ele está dando sequência ao tema agora e, além do Engenho Corredor, localizado no Município de

Pilar, onde cresceu o escritor José Lins do Rego, também pintou o Engenho Baixa-Verde, também em Pilar, que serviu de berço para o também saudoso pintor, ativista cultural e defensor do meio ambiente Hermano José, que morreu em 2015, aos 92 anos de idade.

Dentro da temática dos engenhos, Flávio Tavares formou que já produziu, durante esse período de isolamento social, 20 quadros, dos quais alguns são pinturas em tinta acrílica e outros a óleo, retratando esse tipo de construção. E, também, uma obra, *Fogo Morto*, inspirada no livro homônimo – de cunho regionalista – publicado por José Lins do Rego em 1943, que mostra trabalhadores em primeiro plano, seguido de um carro puxado a bois passando e, ao fundo, o engenho.

“O mundo de Zé Lins sempre me marcou, desde as filmagens, em 1964, de *Menino de Engenho*, do diretor Walter Lima Jr, que é baseado em livro homônimo do escritor. Parte do tempo aqui na Paraíba eles ficaram hospedados lá em casa. Minha mãe trabalhou no filme, meus irmãos dançavam nas festas no Engenho Corredor para as filmagens. Era um engenho muito bonito, com as portas ainda em arcos e era um lugar memorável de Zé Lins. Eu acho que tinha 16 anos e isso me marcou muito. Conheci vários atores da época, tudo através de Walter Lima Jr. e Paulo Melo. Então, essa ligação afetiva já vem de muitos anos. É uma coisa que me segue e é por isso que, de vez em quando, faço engenhos, porque acho que

é uma marca que foi feita através de afetos, durante o tempo”, confessou.

Dentre outras obras, Tavares também produziu o que denomina de “diário da quarentena”, por meio da “recriação de engenhos imaginários”.

Saltimbancos

Quanto ao tema dos saltimbancos, Flávio Tavares recordou que, em 1972, lançou pelo Paço das Artes, de São Paulo, um álbum contendo 30 desenhos em bico de pena chamado *O Circo Vem Aí*.

Agora, ele volta ao tema produzindo novas obras, mas com uma característica. “São desenhos fluídos, sem patamar na terra. Eu me solto muito no desenho humano e, além de muito colorido, expressa os



Foto: Divulgação

‘Menino de Engenho’, filme homônimo dos anos 1960, também marcou Tavares

movimentos da anatomia dos artistas”, observou.

Atualmente, em meio ao isolamento social, o artista plástico não tem hora marcada para pintar. “Trabalho pela manhã e à tarde, às vezes de 8h até as 18h. Estou fazendo questão de ficar dentro desse mundo da pintura para não ficar me lembrando também dessa história tão trágica que é essa pandemia. Acho que, de certa forma, é uma fuga benéfica”, sentenciou.

+ Pintor lamenta situação da Casa de Cultura Hermano José



Fotos: Germana Bronzeado/Divulgação

Inaugurada em maio de 2017, Casa de Cultura, localizada no Bessa, em João Pessoa, apresenta deterioração pela maresia e outras séries de problemas de conservação

Inaugurada em maio de 2017, a Casa de Cultura Hermano José, localizada no Bessa, em João Pessoa, tem sido motivo de lamentação para Flávio Tavares. “É uma pena que o local não esteja em bom estado de conservação. É um descaso total e um desprezo com a memória de Hermano José, que doou essa casa em que morava e o seu acervo para a UFPB”.

Ele recebeu imagens feitas pela fotógrafa Germana Bronzeado, que mostram o estado atual do local. “A maresia corroe o portão de entrada e a porta da frente está quebrada e sendo travada com um pedaço de madeira e escorada com uma estante. Espero que, pelo menos, o acervo de Hermano José, que foi formado com obras de todos aqueles que passaram por ele, como eu, e montado através de permutas que eram feitas na época entre os artistas esteja sendo cuidado”, disse Flávio, para quem o artista – cujo centenário de nascimento foi comemorado no mês passado – era “o embaixador natural da cultura”.

“A UFPB está providenciando uma série de pequenas reformas no local e, ainda no mês de novembro, teremos novidades”, disse o assessor de comunicação da Reitoria, Marcus Alves, que também divulgou nota do diretor do museu, Alexandre Santos. No documento, ele informa que “uma equipe, pequena, porém aguerrida, comprometida e muito responsável, tem se debruçado para a conquista da sua abertura definitiva. Os percalços desse percurso são muitos, ainda mais em se tratando de processos e obras públicas. No entanto, garanto que toda a equipe, sem exceção, tem feito tudo ao seu alcance para que o museu seja aberto tão breve quanto possível”.

Ao negar que o equipamento esteja em estado de abandono, Santos salientou que a entidade tem aprovado projetos de extensão, apesar das adversidades, como os projetos ‘Construção participativa do Plano Museológico do Museu Casa de Cultura Hermano José’ e ‘Organização e manutenção da Biblioteca Prof. Hermano José’.

Algumas considerações sobre religião

Na semana passada, eu dizia, entre outras coisas, que as interrogações da ciência estão voltadas para o mundo sensível e que a sua lógica investigativa pressuporia conhecimento objetivo, fatos, experiência e aproximação da verdade como noções válidas.

A religião, por outro lado, funciona com base em princípios opostos. Suas questões geralmente são de natureza transcendental, relativas ao mundo do sagrado. Os sistemas religiosos raramente aceitam a perspectiva de relativização da verdade ou a ideia de que a comprovação de um conhecimento dependa necessariamente de meios empíricos. Os conhecimentos teológicos têm um cariz dogmático.

O fenômeno religioso remonta, como se sabe, a tempos imemoriais e possui as mais diversas manifestações. É comum se atribuir, popularmente, ao conceito de religião a crença em Deus, ensinamentos morais e a fé em eventos sobrenaturais.

Um exame mais detalhado pode demonstrar que essas ideias são incapazes de dar conta da questão: o jainismo e o budismo, por exemplo, prescindiram da convicção em Deus. Ambas são religiões ateias. O animismo, por sua vez, não estava preocupado em prescrever normas morais. Já a crença no sobrenatural é relativamente nova, uma invenção dos séculos 17 e 18 que está ligada à noção de lei natural e só entraria em voga após a influência de Isaac Newton.

De um ponto de vista sociológico, a religião é uma instituição social que cuida da relação entre os indivíduos e o sagrado, orientando e fornecendo uma visão compacta sobre questões “incognoscíveis”. Trata-se de uma fonte de moralidade e de rituais que reforçam a coesão social, que aparentemente possuiria a finalidade de intervir no mundo suprassensível.

Foi com base em ideias como essas que o sociólogo francês Émile Durkheim definiu a religião como “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a aderem.”

Tal conceito de religião está ligado à ideia de igreja. As igrejas são organizações hierarquicamente estruturadas nas quais papéis sociais estão solidamente definidos, com burocracia própria, política, indivíduos especialmente treinados para o desempenho de funções pré-determinadas e com as relações de poder claramente definidas.

O princípio de autoridade adquiriu bastante importância nesse tipo de organização. A religião desempenhou ao longo da história um importante papel na coesão social e na organização coletiva das sociedades.

Muitos pensadores importantes quando se interrogaram sobre as fontes originárias da religião concluíram que suas raízes nasceram primeiramente do medo. Essa é uma tese defendida por Bertrand Russell e Lucrécio, que estou inclinado a aceitar. Mas creio também que é preciso considerar outros aspectos.

Certa vez, numa conversa, W. J. Solha me disse que não achava que o fundamento da religião fosse o medo. Sua explicação tem elementos menos psicológicos. A religião seria, de acordo com Solha, “uma tentativa de explicação do universo, da vida e do que fazemos aqui. Um arremedo de ciência e filosofia, quando ambas ainda eram impossíveis. Se a primeira religião fosse criada hoje, teria como característica principal, acredito, a mesma de pretensas obras totalizantes como a de Pietro Ulbaldi – muito em voga lá pelos anos 1960, 70 –, *A Grande Síntese*.”

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Outra pessoa

Uma amiga do K vai ser mãe. Será uma menina. Não sei se chamaria ela de minha filha ou a filha dela de minha. Nada é nosso. Uma duríssima luta contra a ausência, revelada no silêncio, na voz da Vanessa da Mata, cantando Jobim: “Se eu pudesse por um dia, esse amor, essa alegria, eu te juro, te daria, se pudesse esse amor todo dia”. A última vez que a vi foi num show de Vanessa da Mata, em Recife. Depois, nunca mais.

Na impossibilidade de dizer “quando for demorar, nunca se vá tão cedo”, fique, venha morar perto do mar, certamente, a prova dessa ausência nos lugares habitáveis, no meu cotidiano – a retina, o corpo, a voz – lides íntimas que se travam apelando à memória, inevitavelmente sem respostas. Às vezes, eu penso que já morri, mas a morte me salvou.

O que está para chegar, uma nova pessoa, se esconde na barriga da mãe, num sentimento que torna a cena mais linda, uma mulher esperando outra pessoa e não há de existir coisa mais bela, nada que supere o ato de trazer outra pessoa ao mundo. Essa menina surgirá resgatada pela possibilidade de uma sílaba, da palavra escrita. Será que irei colocar no meu colo?

Trabalho o dia todo. vez em quando sinto saudade dessa amiga e sou movido pelo equilíbrio do desequilíbrio do sentimento de si, de mim, travado no fio de um arame, como se nossas camisolas estivessem estendidas no varal.

Na barriga da mulher, uma poesia de Drummond, que prepara uma canção para todos as todas as mães se reconheçam. É bem assim: “Caminho por uma rua, que passa em muitos países, se não me veem, eu vejo e saúdo velhos amigos. Eu distribuo um segredo, como quem ama ou sorri, no jeito mais natural, dois carinhos se procuram”.

O *Eu* do Augusto é mais cruel e visceral. É um ao outro (uma outra), no espelho, como uma canção iluminada de sol, mas não somos mais as pessoas da sala de jantar, ocupadas em nascer e morrer. Minha amiga vai ser mãe em plena pandemia à procura do retorno do seu eu, o outro, de ser mãe antes que seja tarde. Nunca é tarde para ser mãe.

Poemas voam da minha janela, temas para ela, para a filha dela e lá no canto do rádio, a amada amante da canção do Roberto, onde se experimenta um incessante instante de prazer e loucura, ainda que, para tal, se organize saraus, sem concessões, no largo tempo daquelas noites. Meu coração bate, um batidão, que vai bater noutra continente. É como engolir um grito. Eu não engulo.

Tenho amor dentro da minha memória piedosa. Algo me lembra minha infância e, às vezes, me encontro sozinho andando no jardim de acácias distantes, particularmente, distantes.

Um homem também chora e quer ser feliz, um homem também sonha, que não haverá dia algum que não se lembre de que foi menino. Ou menina. E são elas, as crianças, que me lembram a existência dos dias.

Uma amiga do K vai ser mãe. Corajosa. Será uma menina. Não sei que nome dará. Se Clara, Ana ou Helena. Talvez, Sílvia. Não será ela, a filha que não tive? Não, não vou embora para Pasárgada, não sou amigo de César nem de Chico, mas que não seja só de César o que é de César.

Andar, por andar andei...

Kapetadas

- 1 - Qualquer palavra amorosa é sentimento ainda vivo;
- 2 - Não recuso o impulso de desistir de qualquer interferência;
- 3 - O som na caixa está no texto.

Foto: Divulgação



Carlos Drummond de Andrade, autor da poesia 'Na barriga da mulher'

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A ira e a serenidade estoica

A finitude humana nos leva a afirmar que tudo é passageiro. Podemos dividir a existência no que fizemos, no que fazemos e, talvez, no que faremos. Geralmente descobre-se o sentido da vida tarde demais. A perda de tempo é dada através da capacidade de mentir para si mesmo, a fim de guardar o medo de revelar o que se tem de pior dentro de si. Perdoar-se é uma forma de dá sentido à vida para viver intensamente cada dia como se fosse o último, e não temer o futuro. Na brevidade da existência não se deve desperdiçar o cuidar de si. Faz-se necessário valorizar o que se tem e a simplicidade do que se é. A vida tem o tempo suficiente para realizarmos nossos sonhos se soubermos viver bem o momento presente no que é útil para com o amor-próprio.

O filósofo e advogado espanhol Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) escolheu a serenidade estoica para dar sentido à própria existência. Sêneca vivia, no cumprimento desse dever, um exemplo à humanidade. Ele procurava aplicar a sua filosofia à prática e vivia de forma modesta. Apesar de ter se tornado rico de forma honesta, Sêneca renunciou os prazeres da riqueza financeira pela vida simples. Para ele, os bens materiais não devem provocar uma dependência e nem constituir o sentido útil da existência. A crítica ao vulgar é uma das contribuições do pensamento de Sêneca. Uma de suas teses é de que o destino é uma realidade e que se pode aceitá-lo ou rejeitá-lo. E se o aceitar de livre vontade, a natureza humana goza de liberdade, para isso é necessário enfrentar os conflitos com prudência e calma e não se deve temer a tragédia e nem a predestinação da vida.

A filosofia de Sêneca, o estoicismo, é um sistema para ser aplicado em circunstâncias de muito estresse. A característica desse estoicismo é uma ética rigorosa de acordo com a lei da natureza, também assegurava que o universo era governado por uma razão universal divina. Dessa forma, a felicidade era encontrada na dominação do homem diante das paixões em detrimento da razão. Sêneca ensinou como separar o que pode ser contro-

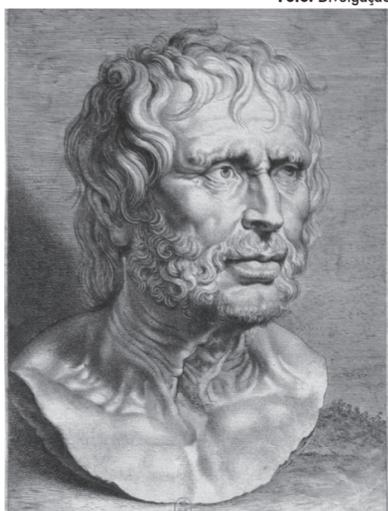


Foto: Divulgação

Filósofo e advogado espanhol Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)

lado e o que não pode, e priorizou a contentar-se com o necessário e útil. A resiliência do estoicismo facilita as tomadas de decisões difíceis e suportar tensões sem adoecer-se mentalmente e fisicamente. A filosofia de Sêneca é a busca da felicidade; a preparação para a morte; as desilusões; a amizade e como harmonizar qualidade de vida e a falta de tempo. Alguns dos seus pensamentos são: “Pobre não é o homem que tem pouco, mas o homem que anseia por mais. Qual é o limite adequado para a riqueza? É, primeiro, ter o que é necessário; segundo, é ter o suficiente”. Ou ainda: “Não deixemos nada para mais tarde. Acertemos nossas contas com a vida dia após dia.”

Sêneca escreveu *Sobre a Ira* e oferece conselhos de como prevenir-se e controlar a ira. O texto é dividido em duas partes. A primeira trata de questões teóricas, enquanto a segunda parte oferece conselhos terapêuticos. A primeira começa com os horrores e definições e apresenta a ira de forma natural que pode ser moderada; se é involuntária, pode ser eliminada. A segunda parte inicia com conselhos de como evitar a ira e como isso pode ser ensinado às crianças e adultos. A ira por ser muito prejudicial, ele ensina como acalmar as pessoas desse mal. Para Sêneca, um grande homem não deve irar-se e, quando não for possível reprimir a

ira, ele deve se acalmar. Vejamos este conselho de Sêneca:

“Outros vícios afetam nosso julgamento, a ira afeta nossa sanidade: outros vêm em ataques leves e crescem despercebidos, mas as mentes dos homens mergulham abruptamente em ira. Não há paixão mais frenética, mais destrutiva para si mesma; é arrogante se for bem-sucedida e frenética se falhar. Mesmo quando derrotada, ela não se cansa, mas se o acaso coloca seu inimigo além de seu alcance, ela volta seus dentes contra si mesmo.”

“Que nada lhe seja permitido enquanto estiver irado. Por que razão? Porque irá querer que tudo lhe seja permitido.”

No contexto do estoicismo, para viver o momento presente, apresento este poema de Ricardo Reis, *in Odes* / Fernando Pessoa (1888 -1935):

*Colhe o Dia, porque És Ele
Uns, com os olhos postos no passado,
Veem o que não veem: outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, veem
O que não pode ver-se.*

*Por que tão longe ir pôr o que está
perto –*

*A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.*

*Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo
hausto*

*Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.*

Na extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 279 Domingo Sinfônico, deste dia 9, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar o pianista e compositor russo Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893). O Seu pensamento musical apresenta emoções a partir das forças inatas da natureza humana e se aproxima dos temas trágicos do filósofo e dramaturgo Ésquilo (a.C. 525-a.C. 456), entre esses, é de que estamos prisionados numa fatalidade predestinada e sofremos por culpabilidade.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Fato histórico e cinema nos contrafortes da Borborema

Da região do Agreste paraibano, bem configurada nos contrafortes da Borborema, trago ainda hoje memórias indeléveis e que fazem parte do meu patrimônio existencial. Este ano, com o lamentoso falecimento do homem público Zenóbio Toscano, e ex-prefeito da cidade de Guarabira, vieram-me dois singulares assuntos: primeiramente, por ter sido a cidade de Mulungu, onde nasceu o meu pai Severino Alexandre dos Santos; e segundo porque revivi, cinematograficamente, naquela região a histórica saga de muitos dos admiráveis vultos que fizeram o incremento econômico, social, cultural e político do lugar. E nada mais justo que relembrar esses fatos hoje, quando celebramos, nesse dia 5 passado, os 435 anos de fundação da nossa cidade verde, anteriormente batizada de Filipeia, Frederica (Frederikstad), Parahyba, finalmente João Pessoa. Parabéns, então, à nossa Paraíba!

Não fora a resistência dos Gonçalves do Agreste paraibano, reverberada em estirpes iguais às do meu pai, também de origem portuguesa, jamais tivera eu inspiração à realização de *Vila de Independência*. Filme de curta-metragem em Super-8, que realizei lá pelos idos iniciais dos anos 1980, numa demanda institucional da Prefeitura de Guarabira, época da primeira gestão de Zenóbio Toscano. Quando busquei recriar toda uma atmosfera do final do século 19, das ruas antigas de Guarabira, sua igreja com íngremes degraus, também a chegada da estrada de ferro do Conde d'Eu, além dos movimentos revoltosos do "Quebra Quilo", na época oriundos das terras altas campinenses da Borborema.

Quanto ao Tauá (ou Tauhá), um dado histórico importante que ressaltei. Há séculos, durante a Colonização



Foto: Arquivo Pessoal

Alex Santos (E) e Rogério Sganzerla (D) durante filmagens de 'Vila de Independência', em Guarabira (PB)

da Parahyba, passavam pela região os contrabandistas franceses à procura de ouro da Serra de Copaoba, numa região habitada pelos indígenas potiguaras. Fatos narrados pelo historiador Horácio de Almeida, em *História da Paraíba* (tomos 1 e 2). Páginas que, no meu entender, dariam um incrível cinema, realmente no que há de melhor.

Sobre meu pai, quando menino costumava trilhar aqueles caminhos para jogar bola nas cercanias de Areia e banhar-se com amigos nas águas do riacho do Tauá, que desaguava no Rio Manganuape, esse, que em épocas do ano também costumava enfurecer-se, inundando muitas ruas de Mulungu. Coisas do interior, que não menos vivi em Santa Rita,

com o Rio Paraíba alagando a Rua do Rio, parte da Praça João Pessoa e do Grupo Escolar João Úrsulo. Colégio que terá sido uma espécie de santuário de minhas primeiras letras, também de aspirações amorosas na pré-adolescência.

Lembrando ainda Zenóbio, um dos motivos deste artigo, outra figura, essa realmente de cinema que também se foi desta para as estrelas, o cineasta catarinense, mas que fora carioca da gema, Rogério Sganzerla, esteve comigo na roteirização de *Vila de Independência* (1982). Esses e outros motivos me trazem hoje saudosas lembranças desse tempo de mágicos enleios "cinematistas". - Para mais "coisas de cinema" acesse o nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema (APC) - Cadeira 17, Patrono: José Cornélio da Silva (ocupante: fotógrafo e cineasta Walter Carvalho). José Cornélio foi professor de Geografia e entusiasta pela causa da Natureza e do cinema. Da Rede Ferroviária Federal, até meados dos anos 1960, quando teve cassados seus direitos políticos e de cidadão. Nessa época, iniciou com o cineasta Alex Santos, seu aluno na cidade de Santa Rita, uma parceria cinematográfica. Os dois realizaram vários documentários: Os Pescadores do Sanhauá, O Ciclo da Mandioca e O Coqueiro, este último vencedor do Prêmio Sudene, no Festival Brasileiro de Cinema de Pernambuco. Seu último trabalho foi como ator em *Lucena Paradisiaca*, também de Alex Santos, documentário com 13 minutos de duração, que retrata o potencial turístico do Litoral Norte da Paraíba. Cornélio morreu em 2008.

Literatura

Saga 'Crepúsculo' ganha novo livro

Agência Estado

Chegou às livrarias de todo o mundo nesta semana, *O Sol da Meia-Noite*, novo livro da escritora Stephenie Meyer, que fez história com sua saga best-seller *Crepúsculo*. Os leitores vão conhecer, agora, o outro lado: a descoberta do amor, um amor proibido e imortal, pelo ponto de vista do vampiro Edward Cullen, e não mais da humana Bella, como nos outros volumes.

O Sol da Meia-Noite é lançado 15 anos depois do primeiro livro da série *Crepúsculo*, um dos grandes sucessos do mercado editorial dos últimos tempos no mundo todo, dando origem a filmes, fanfics e outras sagas de fantasia.

O primeiro dos quatro volumes foi publicado originalmente em 2005. No Brasil, a série vendeu mais de 6 milhões de exemplares.

Os livros que a autora publicou depois, *A Hospedeira* e *A Química*,



Fotos: Divulgação

Em 'O Sol da Meia-Noite', a escritora Stephenie Meyer coloca o ponto de vista do vampiro Edward Cullen

não atingiram o mesmo sucesso da história dos vampiros.

O novo livro, *O Sol da Meia-Noite*, mostra Edward, interpretado nos filmes por Robert Pattinson, inseguro e ansioso, conforme Stephenie Meyer disse em entrevista ao *The New York Times*. "Edward é um personagem muito ansioso. Escrever do ponto de vista dele me fez ficar mais ansiosa, o

que foi um dos motivos pelos quais foi tão difícil habitar esta história. A ansiedade dele, combinada com a minha, se tornou potente. Talvez ele comece confiante, mas está totalmente quebrado no final. Bella (interpretada nos filmes por Kristen Stewart) o quebra em pedacinhos. Eu acho que, em *Crepúsculo*, ele parece forte e muito seguro de si, mas ele não é assim."



Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Águas do poema

Diria estar diante de um oratório laico movido pela correnteza lírica, ao concluir a leitura de *Oratório das Águas*, de Gustavo Felicíssimo (Itabuna: Mondrongo, 2020). O fato é que, se o gênero tem origens bíblicas e tom dramático, aqui, por força da licença poética, a fonte corre dos mistérios da mitologia, sem perder, contudo, o fundo místico e transcendente que faz do oratório um canto de louvor identificado com a natureza divina das coisas.

A enunciação poética cabe a Phaëton, filho do Sol, que, punido por Zeus pela desobediência ao pai, é fulminado por um raio e vai cair sob os cuidados das Ninfas. Entre a vida e a morte, delas recebe a oportunidade de viver, caso lhes ofereça um poema que cante a beleza e a plenitude das águas.

É daí que parte Gustavo Felicíssimo para a arquitetura do texto, a bem dizer, um legítimo macrotexto, elaborado dentro de rigorosa simetria (O exórdio, As nascentes, Os rios, Os mares, O epílogo), num total de 40 movimentos, através dos quais a voz lírica procura exaltar as águas, enquanto elemento natural e cósmico, numa primeira linha de leitura, mas também, numa segunda, e talvez mais forte, o enigma das águas do poema em seu processo de criação. Tudo isto, quem sabe, para atingir o ponto nevrálgico de uma poética de reflexão sobre os itinerários da vida.

Xerazade precisou narrar para viver; Phaëton, para viver, precisou cantar o hálito vital que subjaz à liquidez das águas. Cantando a sua fluidez, a sua energia, o seu plasma, o seu metabolismo purificador e revitalizante, canta ainda, em discretas, porém essenciais rotações metalinguísticas, a navegação interior pelo rio e pelos mares das palavras.

O oratório, aqui, torna-se, ao mesmo tempo, poema natural, ecológico, cósmico, na perspectiva de uma mística que sacraliza as águas e o verbo mudo de suas linguagens misteriosas, assim como um poema sobre o poema, nas suas imponderáveis possibilidades de sentido e de percepção, sem olvidar, ainda, os fluidos mágicos da aventura existencial.

Evocando Cecília Meireles, diz o eu poético, nos primeiros versos do poema: "Cantarei todas as águas / pois um poeta é sempre irmão das águas / deixa seu ritmo por onde passa". Quero crer que esta irmandade reside no fato de que existem profundas correlações entre a água e a poesia. Correlações de ordem mística, de ordem sagrada, de ordem estética, de ordem humana.

Gaston Bachelard fala no sonho das águas, nos devaneios do repouso e numa poética do espaço. Penso que Felicíssimo, nesse oratório de índole pantaeísta, deixa-se banhar pelos elementos da natureza, fundindo o solo da paisagem aquática com a geografia indefinida e aberta do poema. Por isto, no segundo momento do exórdio, o poeta chama a atenção do leitor para a fluidez do destino, que "se retorce em torno de si / talvez como o tempo - sinuoso - /o pretexto mais profundo / para a jornada que inicio agora". E, bem mais à frente, no momento 12, ressalta: (...) ...escrever é como percorrer / a linha d'água que se derrama / da ânfora infinita / onde moram as palavras".

O poema das águas ou as águas do poema também refletem, já no espelho das nascentes, ambientes mais sutis, físicos e metafísicos; esferas existenciais que sinalizam para a dimensão reflexiva desse oratório. E agora, convocando a voz de Pablo Neruda, vê-se que o mistério das águas "preenchendo o silêncio e a dúvida / se estende um novo tipo de vazão". E as águas, "por serem tão puras quanto a inocência / há uma limpidez que cega e devassa / Há um horizonte tecido de azul / que somente essas águas alcançam / Há um existir por sobre a existência / que à própria existência ultrapassa".

Natureza, poesia, vida. Da fusão destes materiais e dos curiosos chamados de outras dicções líricas, Gustavo Felicíssimo tece sua composição poética. Partindo do mito, este "nada que é tudo", como diz Fernando Pessoa, e o modificando pela liberdade de imaginação, realiza um poema lírico e filosófico inteiramente equilibrado na expressão e na fatura. A fatura é toda pensada, medida, ruminada; a expressão se revela, aqui e ali, no impacto persuasivo de muitos versos, a exemplo de: "Ser humano é estar em um rio / e absorver a sua linguagem"; "O mar é um violoncelo rouco / tocando sempre a mesma canção"; "Apaga-se um dia como um dia nos apagaremos - / a poesia é o ato de entender esse mistério".

Pois bem: é no ato mesmo de entender esse mistério, de sondar os significados da natureza, da linguagem e da vida, que esse *Oratório das Águas* se perfaz, a partir do mito, enquanto genuíno discurso poético.

Natural de Marília (SP), Gustavo Felicíssimo vive em Itabuna e coordena a editora Mondrongo, especializada na publicação de poesia. Autor de outros livros de poemas, entre os quais se destacam *Outros Silêncios* (2011), *Procura & outros poemas* (2012), *Blues para Marília* (2013) e *Desordem & outros poemas* (2015), Gustavo, com este *Oratório das Águas*, amplia o espectro de sua criação poética e firma, cada vez mais, o seu nome no espaço da poesia brasileira contemporânea.



As duas equipes vão se enfrentar no dia 3 de outubro, no Amigão, no encerramento da primeira fase da Série C

Foto: Josemarphotopress

BELO E GALO



No embalo do sonho para a Série B



Ivo Marques
vo_esportes@yahoo.com.br

O Campeonato Brasileiro da Série C começou neste sábado, e tem a participação de 20 clubes, divididos em 2 grupos de 10. Os representantes da Paraíba na competição são Botafogo e Treze, ambos ocupam o grupo A, juntamente com Santa Cruz-PE, Jacuipense-BA, Remo-PA, Paysandu-PA, Vila Nova-GO, Ferroviário-CE, Imperatriz-MA e Manaus-AM. A primeira fase da competição terá 180 jogos, com cada clube disputando 18 partidas, com jogos de ida e volta. Apenas 4 de cada grupo se classificam para a próxima fase e para chegar lá, o Botafogo percorrerá cerca de 13 mil quilômetros e o Treze cerca de 12,2 quilômetros. Para chegar a Série B, o grande sonho dos clubes paraibanos, Belo e Galo farão pelos menos 24 jogos, e se for disputar o título, jogarão 26 vezes.

Esta será a sétima participação seguida do Botafogo na Série C, desde 2014. Em duas ocasiões, o time chegou a segunda fase, e por muito pouco não ficou entre os 4 classificados para a Série B. A primeira vez foi em 2016, quando foi eliminado pelo Boa Esporte-MG, após um empate em 0 a 0 em João Pessoa e uma derrota, com um gol no último minuto, em Minas Gerais. A segunda chance do Belo conseguir o acesso foi em 2018. Após terminar em quarto lugar do seu grupo, na

fase de classificação, o Botafogo foi eliminado pelo Botafogo-SP, na disputa de pênaltis, após uma vitória em João Pessoa por 1 a 0 e uma derrota pelo mesmo placar em Ribeirão Preto, com o gol do adversário saindo já nos descontos. A pior participação do clube foi em 2017, quando foi o oitavo colocado do grupo, na fase de classificação, e por pouco não foi rebaixado.

A estreia do Botafogo será neste domingo, contra o Ferroviário do Ceará, às 20 horas, na Arena Castelão, em Fortaleza. Além desta partida, na primeira fase, o Belo fará mais quatro partidas fora, contra Jacuipense, Imperatriz, Remo e Treze. Em casa, enfrentará Manaus, Santa Cruz, Vila Nova e Paysandu. Os jogos de volta serão com o mando de campo invertido.

O Treze, que estreia hoje em casa, no Amigão, contra o Imperatriz, às 16h, vai para a sua quinta participação na Série C. O Galo disputou as edições de 2012, 2013, 2014 e 2019. Sua melhor participação foi em 2013, quando terminou em terceiro lugar do seu grupo na fase de classificação, passando para a segunda fase, quando foi eliminado pelo Vila Nova-GO, no saldo de gols, depois de uma vitória para cada lado. A pior participação do alvinegro de Campina Grande foi em 2014, quando foi rebaixado para a Série D, tendo ficado na penúltima colocação no grupo.

Além desse jogo contra o Imperatriz, o Alvinegro

vai enfrentar em Campina Grande o Ferroviário, Remo, Jacuipense e Botafogo. Fora de casa, o Treze vai encarar o Santa Cruz, Paysandu, Manaus e Vila Nova, todos na primeira fase.

O Botafogo entra na competição este ano com um time modesto, sem nenhuma atuação brilhante durante o ano e com uma eliminação nas semifinais do Campeonato Paraibano, justamente para o adversário também da Série C, o rival Treze. O resultado inclusive causou a demissão do técnico Mauro Fernandes. O time iniciará a participação na competição dirigido pelo técnico interino Warley.

Mesmo sem nenhum jogador tendo brilhado nesta temporada até aqui, o elenco possui jogadores experientes e com passagens por grandes times do futebol brasileiro, como o zagueiro Fred, o lateral direito Léo Moura e o goleiro Felipe. O Belo manteve uma base do ano passado e fez algumas contratações, que acabaram não rendendo o que se esperava. Dispensas e novas contratações poderão acontecer nos próximos dias.

“Vamos em busca do acesso à Série B. Todos nós estamos conscientes no clube, que este é o grande objetivo agora. Já me reuni com os jogadores e fiz ver a eles da responsabilidade de buscarmos este acesso e a pressão que vamos ter da torcida será grande. Quanto a folha de pagamento do clu-

be deverá girar em torno de R\$ 300 mil, após as reduções salariais provocadas pela pandemia do coronavírus”, disse o presidente do clube, Sérgio Meira.

O Treze começará a competição motivado pela campanha no Campeonato Paraibano, mas fez inúmeras contratações e o time parece ainda não ter um padrão de jogo definido. Sem nenhuma estrela na equipe, o Galo tem apenas alguns atletas que têm se sobressaído sobre os demais, que é o caso dos zagueiros Nilson Junior e Breno Calixto e o lateral direito Léo Pereira. A diretoria acena com a possibilidade de reforçar a equipe para a Série C. Hoje a folha de pagamento do clube está perto dos 200 mil reais.

“O Treze não vai participar por participar. O Galo vai lutar por uma vaga na Série B do próximo ano. O nosso elenco já é bom e iremos fazer algumas contratações pontuais para reforçar ainda mais a equipe. Mas, nossa folha salarial não deverá ultrapassar os R\$ 200 mil, para que o clube possa manter os compromissos em dia”, disse o diretor de futebol do Treze, Ivandro Cunha Neto.

Novo formato

Este ano, a Série C deverá ser muito mais difícil para Botafogo e Treze, porque não enfrentará apenas clubes do Nordeste na primeira fase. No grupo deles tem agora a dupla do Pará, Remo e Pays-

sandu, o Vila Nova de Goiás e o Manaus do Amazonas.

A fórmula de disputa também mudou. Antes era mais fácil o acesso à Série B, porque após classificado na fase de classificação, entre os 4 primeiros em cada grupo, o clube precisava apenas passar por um mata-mata contra uma equipe do outro grupo. Agora, os classificados da primeira fase vão para

um quadrangular, e depois de todo mundo se enfrentar, em sistema de ida e volta, os quatro melhores colocados estão garantidos na Série B. Os dois primeiros vão disputar o título. Antes, um clube ficaria entre os 4 primeiros colocados da competição com apenas 20 jogos, agora serão 24. E o campeão e vice jogarão 26 partidas, até o final da competição.

CAMPEONATO BRASILEIRO - SÉRIE C

Jogos do Treze na primeira fase

09/08	Domingo	16h	Treze PB x Imperatriz	Amigão
18/08	Terça	20h	Santa Cruz PE x Treze	Arruda
22/08	Sábado	17h	Paysandu x Treze	Curuzu
30/08	Domingo	20h	Treze x Ferroviário	Amigão
06/09	Domingo	18h	Treze x Remo	Amigão
14/09	Segunda	20h	Manaus x Treze	Arena da Amazônia
19/09	Sábado	15h	Treze x Jacuipense	Amigão
26/09	Sábado	19h	A Vila Nova x Treze	Goiânia
03/10	Sábado	17h	Treze x Botafogo	Amigão

Jogos do Belo na primeira fase

09/08	Domingo	20h	Ferroviário x Botafogo	Presidente Vargas
17/08	Segunda	20h	Botafogo x Manaus	Almeidão
23/08	Domingo	18h	Botafogo x Santa Cruz	Almeidão
28/08	Sexta	20h	Jacuipense x Botafogo	Eliel Martins Riachão
07/09	Segunda	20h	Imperatriz x Botafogo	Frei Epifânio
11/09	Sexta	20h	Botafogo x Vila Nova	Almeidão
20/09	Domingo	18h	Remo x Botafogo	Baenão
26/09	Sábado	17h	Botafogo x Paysandu	Almeidão
03/10	Sábado	17h	Treze x Botafogo	Amigão

Logística reversa preserva, reduz custo e traz inclusão social

Objetivo é viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos às empresas para que sejam reaproveitados, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Ana Carolina Matavelli foi criada em uma fazenda no interior de São Paulo e ao longo da infância incorporou a forma natural da vida no campo, com grande parte da alimentação vinda da terra em que plantava e da criação que a família mantinha. Os produtos industrializados eram exceção no seu dia a dia. Há 20 anos na Paraíba, ela decidiu montar uma empresa de molho de tomate artesanal, em 2018, e a filosofia do reaproveitamento faz parte da sua rotina. Carolina vende tanto para redes supermercadistas quanto para pessoa física, e mantém contato com muitos clientes para reaver os potes dos molhos e

reutilizá-los. Ou seja, ela pratica a logística reversa.

Trata-se de um instrumento da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), prevista na Lei 12.305 de 2010. Segundo a legislação, essa logística é definida como “o instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado pelo conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada”.

Então, podemos entender como sendo função do empresário, recuperar as embalagens dos produtos que fabrica e reaproveitá-lo de forma sustentável, evitando a

maior propagação de lixo na natureza. E o meio ambiente agradece.

Segundo Cláudia de Oliveira Cunha, professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), engenheira química e doutora na área ambiental, a preservação ambiental está diretamente relacionada à disposição final do resíduo sólido. “Pois se ele for encaminhado à coleta seletiva e à logística reversa, evitará ocupação em aterro sanitário, aterro controlado, ou lixão e, conseqüentemente, diminuição do impacto no meio ambiente”, afirmou.

A empresária Ana Carolina tem plena consciência de sua contribuição na preservação dos recursos naturais. “Sei que na proporção do mundo, do país, do Estado, isso é muito pequeno, é um trabalho de formiguinha. Mas, só em poder mostrar e ensinar às outras pessoas a importância de reutilizar, já conta muito”, frisou.

No início do negócio, porém, não foi fácil disseminar essa cultura ecológica da Molho Matavelli entre os clientes. Ela produzia em pequena quantidade e fazia as entregas porta a porta, mas sem o uso de sacola plástica. “Recebi muita crítica por conta disso. Somente aos poucos, eles começaram a entender que os potes de vidro já eram

as embalagens, que não era uma questão de economia financeira, mas sim uma atitude social, cultural e emocional. Onde eu morava quando criança, não via restos de plásticos em todos os cantos, a gente não tinha o ambiente degradado”, declarou.

Com o passar do tempo, os consumidores conseguiram entender a filosofia da empresária e alguns até se tornaram adeptos da reciclagem. Mas mesmo com essa cultura ecológica correta, Ana Carolina só adotou a logística reversa na empresa alguns anos depois, quando começou a trabalhar com um público maior. Ela contou que quando a produção saltou de 30, 40, 90 para mil potes por mês, percebeu que as embalagens poderiam ser reutilizadas. Os clientes mais assíduos chegavam até a questioná-la se ela não queria reaver as emba-

“Sei que na proporção do mundo isso é um trabalho de formiguinha. Mas só em poder mostrar e ensinar às outras pessoas a importância de reutilizar já conta muito”

lagens. A partir daí, Ana buscou informações com profissionais, aprendeu a fazer a correta esterilização e reaproveitamento dos potes e hoje consegue reaver parte deles. Ela entra em contato com os clientes (pessoa física) e quem entrega oito potes usados, ganha um molho pronto para consumo. A pró-

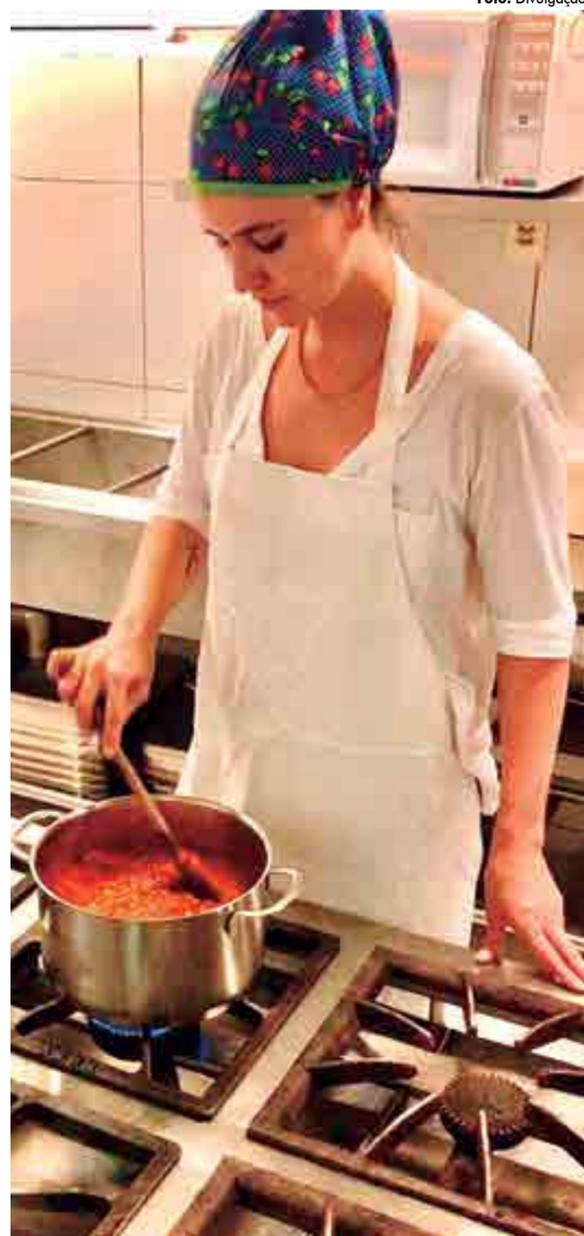


Foto: Divulgação

Ana Carolina quer expandir ação da logística reversa usando as redes sociais

pria empresária é quem vai buscar as embalagens aonde o consumidor está.

Expansão

Mas a ideia é expandir a ação. Ana Carolina já está organizando uma campanha nas redes sociais junto aos consumidores, para incrementar a prática da Logística Reversa. Com relação às redes de supermercados, ela ainda precisa enfrentar alguns desafios. “Eu ainda não tenho parceria com as redes para ter um espaço disponível para receber e depositar os potes nos supermercados”, confessou.

Independentemente das ações que tenha de implementar para atingir o “ideal” da Logística Reversa no seu estabelecimento, ela já deu os primeiros passos para preservar

a natureza. “A gente vê todo dia a degradação ambiental na televisão. Eu queria mesmo era ver uma praia ou um campo livre disso tudo, como era minha casa na infância”, confessou.

Saiba mais

A Logística Reversa não abrange apenas embalagens de alimentos. Dentre os resíduos obrigatórios que devem ser coletados pelas empresas no pós-consumo, conforme a PNRS, estão as pilhas e baterias, pneus, produtos eletroeletrônicos e seus componentes, medicamentos, embalagens específicas de agrotóxicos e de óleo lubrificante, lâmpadas de vapor de sódio e mercúrio e de luz mista.

Continua na página 14



Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Jesus teria se casado com Maria Madalena

No “Evangelho segundo Jesus Cristo” - que na verdade é o “Evangelho segundo Saramago” -, o grande escritor português fez com que Jesus e Maria Madalena (*ilustração*) se unissem pelo humano e natural amor, como imagem e semelhança permitidas entre o homem e a mulher.

Na época, uma mulher que vivia com um homem sem vínculos considerados sagrados, oficialmente sagrados, era adúltera. Uma prostituta, enfim.

No ano passado, no Congresso Internacional de Estudos Coptos, em Roma, uma historiadora da Universidade de Harvard, Karen King, divulgou um papiro escrito em língua copta, em que um evangelista apócrifo destaca: “Jesus a apresentou como sua esposa”. Esclarecendo: o copta era a língua dos cristãos nos primeiros séculos que seguiram à morte de Jesus.

O cima do livro de José Saramago leva à magia, lendas, mitos, verdades encobertas e mentiras oficializadas. Para Saramago, Jesus era um homem, “humano, demasiadamente humano”, como Nietzsche explicava o mundo. Saramago considerava os deuses como ambiciosos, sempre juntos e soberbos. Jesus? Somente um homem.



Os homens, incluindo Saramago, nunca puderam saber como foi aquele Jesus inicial, o verdadeiro, o que amou Maria Madalena. A ciência pesquisou para saber suas origens, o rosto, suas relações, as frases. Enfim, sua vida e morte. Os evangelhos descrevem parte do que aconteceu e os fragmentos dispersos, posteriormente descobertos, revelaram alguns detalhes.

No fundo, o conflito foi somente de poder, como Deus confessou a Jesus num dos diálogos de Saramago: “Morrerão milhares, centenas de milhares de homens e mulheres. A terra se encherá de gritos de dor e estertores de agonia, a fumaça das queimadas cobrirá o Sol, e tudo isto será por minha culpa. Não por tua culpa, por tua causa”. “Pai, afasta de mim este cálice”. “Que tu o bebas como condição de meu poder e de tua glória”.

“Não quero essa glória, mas esse poder”...

De acordo com um manuscrito de quase 1.500 anos, descoberto na Biblioteca Britânica, Jesus teria se casado com Maria Madalena e tido dois filhos. O chamado “Evangelho perdido”, que foi traduzido do aramaico,

supostamente traz novas alegações surpreendentes, de acordo com o “The Sunday Times”. O professor Barrie Wilson e o escritor Simcha Jacobovic passaram meses traduzindo esse texto.

Muitos especialistas minimizam a importância histórica da figura de Maria Madalena, mas, de acordo com os tradutores do novo evangelho, ela tem mais importância do que se pensava anteriormente. Maria Madalena já aparecia em evangelhos existentes e está presente em muitos dos momentos importantes registrados na vida de Jesus.

O “Evangelho perdido” não é sequer o primeiro a afirmar que Jesus se casou com Maria Madalena. Nikos Kazantzakis, em seu livro de 1953, “A última tentação de Cristo”, e, mais recentemente, Dan Brown, em “O Código Da Vinci”, fizeram a mesma alegação.

A Justiça e o direito de circulação das lagartixas

Uma das habilidades de uma lagartixa é andar pelas paredes. Todas as lagartixas são consumadas acrobatas. Nada é mais fácil para elas do que subir por uma parede ou pelo tronco de árvore na vertical. Sobem facilmente por paredes de vidro ou pelas janelas. Se chegar ao teto, andam de cabeça para baixo. Nunca perdem a aderência, pois têm, entre os dedos, fileiras de pequenas lâminas transversais forradas de pêlos microscópicos em forma de ganchos. Eles se prendem à mínima saliência de qualquer superfície e podem aderir melhor do que ventosas. São inofensivas. Às vezes, sentado no terraço, observo uma delas no jardim por cerca de 15 minutos. É um ganho de tempo e sabedoria, já que sou levado a reflexões sobre a vida neste planeta. Por isso vibrei com uma decisão da 1ª Turma de Recursos da Capital de Santa Catarina, ao reconhecer o direito das lagartixas de circular pelas paredes externas das casas ou por jardins e quintais, em busca de mosquitos e outros pequenos insetos que constituem sua dieta alimentar. Um magistrado relatou que “todos sabem do direito de circulação dos pequenos e não agressivos répteis e certamente também os engenheiros que projetam motores instalados fora das residências, área que também pertence às lagartixas”. O juiz assim se pronunciou porque uma empresa importadora não lacrou o motor externo de um aparelho de ar condicionado, “agindo com culpa, pois era só o que faltava: exigir que a moradora da casa ficasse caçando lagartixas pelas paredes de fora ao invés de se refrescar no interior do lar”. Ficou demonstrada a fragilidade do equipamento, pois teve o motor queimado pelo contato com uma lagartixa, que morreu. Em tempo: a dona da casa permite as lagartixas nas paredes. Em minha casa, têm plena liberdade.



Prática favorece e estimula o desenvolvimento sustentável

Logística reversa beneficia diretamente os três pilares da sustentabilidade: social, econômico e ambiental

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A logística reversa vai além de sua contribuição benéfica ao meio ambiente. De acordo com o advogado Talden Farias, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutor em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG), ela compreende o tripé do desenvolvimento sustentável: econômico, social e ambiental.

Quando posta em prática, traz economia para o setor produtivo, uma vez que reciclar um produto tem custo muito menor do que fabricá-lo. Na área social, a logística reversa gera ainda emprego e renda. Um exemplo são os catadores de material reci-

clado, que se mantêm com a coleta de vários materiais e embalagens de produtos que iam ser jogados no lixo.

“A logística reversa é o caminho contrário. Dentro da lei 12.305 de 2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, faz com que o material que ia ser descartado volte para a indústria e possa ser reciclado, reaproveitado e reutilizado”, frisou Talden. Segundo ele, o primeiro processo de logística reversa que se instituiu no Brasil foi sobre os agrotóxicos. As lojas que comercializavam esse produto recolhiam as embalagens para que não pudessem ser reutilizadas por causa da contaminação.

Ele destaca que esse instrumento da PNRS tem como

pressuposto legal o princípio da responsabilidade, ou seja, se o produtor gerou aquele item de consumo, tem responsabilidade sobre ele.

Segundo o professor, o Ministério Público é o fiscal universal ambiental, mas também cabe aos órgãos ambientais de todas as esferas, assim como ao cidadão, exigir o cumprimento da lei.

O primeiro processo de logística reversa foi com os agrotóxicos. As lojas recolhiam as embalagens para que não fossem reutilizadas

Foto: Divulgação



Cláudia Cunha, doutora, engenheira e professora da UFPB

Foto: Arquivo pessoal



Manayra Barreto, empresária do ramo de cosméticos naturais

+ Iniciativa de contribuir

“O cliente entrega a embalagem e recebe 10% de desconto na compra de um novo item”, afirmou Manayra Barreto, empresária do ramo de cosméticos naturais em João Pessoa. Essa foi a estratégia que ela adotou na Shower Saboaria para realizar a logística reversa na empresa. O estímulo financeiro é necessário para que a ideia funcione.

Segundo ela, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que o consumidor tenha a iniciativa de contribuir com essa prática, sinal de que falta consciência ambiental entre os compradores. “Há muito o que trabalhar no público para que faça isso apenas por causa de uma consciência sustentável, e não por interesse”, reforçou.

A logística reversa foi adotada no negócio desde a fundação, em 2018. No ano passado, Manayra cadastrou a saboaria no selo EuReciclo, que certifica as empresas que primam pela reciclagem, com responsabilidade social, por meio da compensação ambiental. O selo comprova que o negócio é adepto da logística reversa e está adequado à legislação ambiental. Ela conta que a postura ecologicamente correta trouxe maior credibilidade e destaque à empresa no mercado consumidor. “Além da consciência de consumo responsável, da sustentabilidade, percebemos uma melhor visibilidade do cliente conosco, por meio da logística reversa”, contou.

Responsabilidade compartilhada entre as partes

A engenheira química Cláudia de Oliveira Cunha, professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutora na área Ambiental, afirmou que é importante incentivar a logística reversa em todo o país, tanto por parte do consumidor como por parte do setor empresarial, promovendo ações compatíveis com os princípios da responsabilidade compartilhada dos geradores de resíduos. Segundo ela, nesta questão, cabe também incentivar a indústria da reciclagem com inclusão social (inserção dos catadores).

“É essencial a importância da integração e atuação dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis no que se refere à coleta seletiva e à logística reversa de embalagens, a triagem do material e sua adequação aos padrões estabelecidos para fins de aproveitamento em unidades recicladoras”, declarou.

E não são apenas os gestores públicos e empresários que têm responsabilidade na aplicação da logística reversa. A sociedade divide essa responsabilidade na geração de resíduos sólidos. Cada vez mais, o consumo desenfreado, a compra

por impulso, gera um volume maior de resíduo sólido, aumentando a degradação do meio ambiente.

Especialistas do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) alertavam, já em 2018, que uma ilha de plástico, equivalente a três vezes o tamanho da França, flutuava no Oceano Pacífico. E uma sacola plástica havia sido encontrada a uma profundidade de 36 mil pés na Fossa das Marianas (local mais profundo, situado no Oceano Pacífico). Outro dado impactante anunciado pelo Pnud é que 83% da água da torneira contém partículas de plástico, e seus químicos tóxicos podem ser encontrados em nossa corrente sanguínea.

Isso significa dizer que os resíduos sólidos estão em lugares inimagináveis. Por isso é tão importante barrar a disseminação dele no planeta. Uma das formas é o reaproveitamento. A professora Cláudia Cunha ressalta que para a implementação da logística reversa, é necessário um acordo setorial, que representa um “ato de natureza contratual firmado entre o poder público e fabricantes, tendo em vista a implantação da

responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida do produto”. De acordo com ela, sem este acordo prévio e o conhecimento da realidade local, regional ou nacional, o planejamento de metas e ações poderá ser ineficiente. “E assim, os prejuízos ambientais e socioeconômicos continuarão a representar um ônus à sociedade e ao ambiente”.

A logística reversa também está prevista no momento de obter algumas documentações para legalizar o estabelecimento. Quando um empreendimento vai ser licenciado pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), por exemplo, precisa apresentar o Plano de Resíduos Sólidos, constando informações como a classificação, destinação e reaproveitamento dos resíduos. Para o funcionamento do empreendimento, são estabelecidas algumas condicionantes que devem ser obedecidas. Uma das condicionantes é a obediência ao plano, que pode incluir a logística reversa. Durante a atividade, não havendo o cumprimento dessas regras predefinidas, pode haver a aplicação de multa ao estabelecimento.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Poeta de rima rica e flores murchas

Vinicius de Moraes escreveu “O poeta aprendiz”, sobre um guri que tinha o senso da poesia, talvez o próprio poetinha aos dez anos de idade. Os poetas antigamente começavam a poetar nos cueiros, até chegar a um irretocável soneto já na idade senil. Ou morriam antes, sem cometer um verso sequer aproveitável. Hoje é fácil e desagradável achar na rua, no salão de festa, até no bloco de carnaval, aquele chato que te tortura com uns versos “pé quebrado” no pé do ouvido, sem suspeitar que é apenas uma anta de um poetaastro.

Uma dessas antas aprendizes de poeta me pegou de chofre com essa interessante questão:

— Você que é metido a poeta, me diga que palavra deverei usar no lugar de “murcha”, que é uma expressão banal, não cabe no meu poema: “Nos teus olhos eu vi / um buquê com duas flores / murchas.”

— Primeiro, eu não sou metido a poeta. Poeta mesmo é João Cabral de Melo Neto, e metido a poeta pode ser Ronaldo Cunha Lima. De muito, sou um pereba que come-

teu meia dúzia de quatro versos murchos algum dia, mas se redimiu do crime a tempo. Segundo, vai depender do sentido do verso, do que você tenta dizer com esse negócio de buquê no olho.

O cara declarou que queria florear a sua poesia. Desses que acham que poesia tem que ter palavra bonita, rima rica de Brasil com varonil e alguma flor enfeitando o nada. Há quem veja uma beleza entranhada na mediocridade. Eu, alma rude, só vejo burrice mesmo. No caso, eu queria contribuir substancialmente para que a humanidade se livrasse daquele futuro monstro travestido de poeta.

— Rapaz, quer um conselho? Deixe essa merda de flor murcha mesmo. É mais inte-

ressante para o contexto. O verso não vale nada de qualquer jeito.

O aprendiz de poeta me chamou de cretino e ignorante das coisas poéticas e desconhecedor das palavras flácidas. Melancólicas? Tristes? Flores mirradas? Não adianta se para



regar a flor murcha do sujeito, fui obrigado a admitir que aquele emurhecido vegetal guardava um quê de formosura na sua imagem fina flor do kitsch romântico popular.

O aprendiz de poesia brega encerrou a consulta, crente que eu zombava de propósito de seu trabalho jeca ridículo. Não sei se já mencionei que esse cara é estrangeiro,

dono de uma inveja sadia de nossos poetas. No seu país, talvez, não conheça nenhum. Quer ser poeta em português, coisa que o redime de alguma forma. Claro que não veio da Europa cosmopolita. É gente aqui do terceiro mundo que jamais leu Neruda nem se importa com o que diz o colombiano Rafael Pombo. Não desconfia da grandeza do uruguaio Mario Benedetti e nunca ouviu falar de Jorge Luis Borges ou da chilena Gabriela Mistral, Prêmio Nobel de Literatura. Sente uma atração por poetas tipo J.G. de Araújo Jorge, o mais amoroso e brega sonetista brasileiro. Seja como for, o cara anda lendo poesia, o que o torna melhor em todos os sentidos. Desenvolve áreas intelectuais, emocionais e sociais, mesmo empacando em flores caprichosamente brochadas em buquês estrambóticos. Menos mal.

Em tempo, esse meu amigo é natural da Bolívia, mora em João Pessoa. Felizmente desistiu de poetar e dedicou a vida a editar bons e maus poetas da aldeia. No ofício das artes gráficas, é um aedo formidável, como diria o poeta Sander Lee.

Demissão humanizada reduz impactos negativos da notícia

Pacote de benefícios oferecido garante “fôlego” ao funcionário demitido e mantém a reputação da empresa

Anna Barbosa
Agência Estado

Era para ser mais um dia normal de trabalho. Marcos (nome fictício) acordou, tomou seu café e se preparou para reunião com a equipe. Recebeu um pedido de sua chefe para que entrasse no link enviado. Era um comunicado sobre a demissão de 1.300 colaboradores. Ao acessar seu e-mail corporativo, viu que fazia parte desse grupo.

O funcionário, que preferiu não ser identificado para não sofrer retaliações, havia largado o último emprego para ser contratado pela fintech Stone em abril. Parte do seu trabalho era ajudar no recrutamento de outras pessoas. “Eu perguntava para minhas chefes se a empresa era financeiramente saudável para aguentar as contratações. O que era dito era que demissões não eram uma possibilidade, que seriam a última opção.” Menos de dois meses depois, Marcos foi demitido.

Para minimizar os danos (incluindo emocionais) aos 1.300 demitidos (20% da equipe), a empresa publicou em seu perfil no LinkedIn os benefícios aos



Fotos: Pixabay

Como base do conceito de demissão humanizada, é essencial o tratamento empático, em que o contratante coloca-se no lugar do colaborador a ser afastado

ex-funcionários, como plano de saúde por quatro meses, apoio financeiro proporcional ao tempo em que estiveram na empresa, vale-alimentação por três meses, doação de equipamen-

tos como computadores e celulares corporativos, carta de recomendação, conta LinkedIn Premium e parcerias com empresas que estavam contratando, como OLX e Loft.

O pacote de benefícios faz parte do que o mercado tem chamado de demissão humanizada, uma expressão que ganha relevância com a alta de demissões e a taxa de desemprego durante a pan-

demia do novo coronavírus. Do lado das empresas, a ajuda aos demitidos também é uma forma de manter a reputação da corporação, já que ela não tem obrigação de dar esse tipo de suporte.

Juliana Amarante, advogada trabalhista do escritório Souza, Mello e Torres, explica que, legalmente, aqueles que foram contratados durante a pandemia e desligados no mesmo período não têm direito a benefícios extras. “O desligamento humanizado não é obrigatório legalmente, mas tem um impacto social importante”, conta. “Além disso, quando as empresas fazem demissão humanizada, o empregado pensa duas vezes antes de ajuizar uma demanda trabalhista.”

Segundo a Stone, a empresa vinha numa crescente e tinha processos seletivos em andamento por volta de abril. “No entanto, ficou claro que o futuro seria bem mais incerto, sem clareza da retomada, e assim tomamos a decisão de suspender a maior parte das contratações”, diz, em nota.

Como base do conceito de demissão humanizada, o tratamento empático é essencial, em que o contratante coloca-se no lugar do colaborador. Além da forma de tratamento e dos benefícios monetizáveis, indicações em redes sociais e criação de banco de talentos também integram a lista nesse tipo de demissão.

Pandemia piora tudo

Para Celson Hupfer, psicólogo e doutor em psicologia social, a pandemia é causadora de um grande medo e, quando associada a outra questão (como a demissão), o processo fica mais doloroso, tanto para quem demite quanto para quem é demitido. “A demissão tem uma série de complicadores, porque o trabalho não tem só uma função econômica, mas também faz parte da realização de um grupo”

No caso da MaxMilhas, que atua no setor de passagens aéreas e precisou reduzir 42% da sua equipe, a queda brusca no setor de viagens foi emocionalmente compartilhada entre funcionários e dirigentes. “Nós não sentíamos que surgiria uma demissão, mas eles eram muito transparentes. Estávamos sempre cientes do que estava acontecendo, chegamos a 9 mil cancelamentos por dia”, conta Lucas Melo, ex-colaborador, segundo quem em abril o líder da empresa começou a chorar na frente de todos ao explicar o cenário de cortes.

EDITAL - Ivana Borborema Cunha Lima, Oficiala Substituta do Cartório do 1º Ofício da Comarca de Campina Grande/PB, de acordo com o que prevê a Lei nº 10932/2004, torna público, para conhecimento de quem interessar possa, que se processa neste Cartório de Registro de Imóveis, por PARAÍBA - CONSTRUÇÕES E EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, CNPJ: 02.363.410/0001-22, sito na Rua João da Silva Pimentel, 142, sala 03, Centro, Campina Grande/PB, A AVERBAÇÃO DE RETIFICAÇÃO DE ÁREA referente ao imóvel de sua propriedade, constituído de: Terreno 01 - inscrição 03.04.020.2.0093.001.689 - 10,00 x 35,00, Terreno 02 - frente (norte) com a Rua João Suassuna, 37,00 metros; lado direito (leste), com a Rua Antenor Navarro, 58,00 metros; lado esquerdo (oeste), com o Terreno 01, 58,00 metros; fundos (sul), com os terrenos ocupados pelas casas de nº 1081 da Rua Antenor Navarro e nº 770, 778, 782, 786 e 794 da Rua Presidente João Pessoa, em nomes de José A. de Barros Filho, Manoel Cassiano de Amorim Pereira, Maria de Fátima Gonçalves Silva, Paulo Afonso Pinto Zilli, João Tavares Sales e Epitácio Roberto Dantas, 39,00 metros, ficando desde já os Srs. Paulo Afonso Pinto Zilli, portador do CPF: 003.392.024-91, Rua Presidente João Pessoa, nº 782, Paulo Jorge Pereira Zilli, brasileiro, engenheiro, CPF: 160.955.704-25 casado com Marcelle Pimentel Donato Zilli, residentes na Rua Antônio Campos, 619, nesta cidade, Centro, Adriana Pereira Zilli (herdeira), casada com Sérgio Alves De Oliveira, CPF: 917.698.544-68, residente na Rua Germino de Farias Leite, 256, catolé, nesta cidade, Regina De Fátima Pereira Zilli Cavalcante (herdeira), brasileira, médica, CPF: 160.551.604-04, casada com Paulo Tarcísio Cavalcante, residente na Rua Osvaldo Cruz, 635, aptº 102, Fortaleza/CE; Epitácio Roberto Dantas, portador do CPF: 008.808.334-91; Oscar Alexandre Nóbrega De Lucena e sua mulher Izabel Cristina Soares De Lucena, RG nº 972.363-SSP/PB, CPF: 273.252.294-53 e RG nº 1.362.412-SSP/PB, CPF: 520.941.114-15, residentes e domiciliados na Rua Francisco Roberto, 505, Centenário, Campina Grande/PB, intimados para dentro do prazo de 15 (quinze) dias, contados desta publicação deste Edital, para contestar a presente retificação, a qual não havendo reclamação ou impugnação, será a mesma procedida. Campina Grande, 04 de Agosto de 2020. Ivana Borborema Cunha Lima - Oficiala Substituta.

COMARCA DE CAMPINA GRANDE - 2ª VARA DE FAMÍLIA - EDITAL DE CITAÇÃO PELO PRAZO DE 30 DIAS O MM. Juiz de Direito da 2ª Vara de Família, em virtude da Lei, etc. Faz saber a todos quantos o presente Edital virem ou dele conhecimento tiverem que, NOS TERMOS DO ART. 1.639, § 2º DO CC/02, nesta Vara, tramita a Ação de Alteração de Regime de Bens nº: 0809747-46.2020.8.15.0001, promovida por Inácia Regina Leal de Souza, brasileira, casada, fisioterapeuta e José Luis de Souza Leal, brasileiro, casado, professor, almejando alterar o regime de bens de seu casamento de Comunhão Parcial de Bens para Separação de Bens. DESPACHO: “Vistos, etc. Defiro o requerimento de gratuidade processual. Nos termos do art. 1.639, § 2º, do CC, bem como do art. 2º do Provimento nº 10/2008, do TJPB, expeça-se edital com prazo de 30 (trinta) dias, dando, assim, ampla publicidade ao pedido formulado pelos autores. Afixação em local de costume e publicação no Diário da Justiça (uma vez) e em jornal local de ampla circulação (por duas oportunidades), neste caso, observando-se os intervalos 20 dias entre cada impressão (art. 257, inc. III, do CPC/2015). Intimem-se os interessados para providenciarem a publicação referente ao jornal local. Decorrido o prazo dos editais, sem manifestação de terceiros interessados, abra-se vista ao Ministério Público. Cumpra-se.” E, para que, posteriormente, não seja alegada ignorância, mandou o MM. Juiz de Direito expedir o presente Edital, que será publicado na forma da Lei e afixado no lugar de costume. Campina Grande - PB, 14 de julho de 2020. Eu, Diego Cesar Pereira Nunes, titular. Dr. Theóclito Moura Maciel Malheiro. Juiz de Direito.

Comunicado de Falecimento de Pessoa não identificada/não reclamada
O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um cadáver NÃO RECLAMADO. Identificado como sendo da MARLUCE DA COSTA GOMES, do sexo, feminino, com idade aproximada de 50 anos. Cor parda, cabelos encaracolados; estatura 145cm, constituição física boa, sem sinais particulares, morador de rua: Falecido em 12/03/2020, no Complexo Hospitalar de Mangabeira. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sítio à Rua Antônio Teotônio S/N. Bairro do Cristo Redentor da cidade de João Pessoa PB.

Empresas ficam com boa imagem no mercado

Empresas globais como LinkedIn e Airbnb optaram por anunciar suas demissões por meio do pronunciamento de seus respectivos CEOs. O LinkedIn afirma que, além do suporte financeiro, que varia de acordo com as práticas específicas de cada país onde tem escritório, continuaria dando suporte nos âmbitos de: saúde (6 meses de assistência médica); transição de carreira (programa de 6 meses) e apoio tecnológico (os funcionários puderam ficar com celulares e laptops da empresa).

O Airbnb tomou medidas similares, onde todos os empregados desligados têm direito a pelo menos 14 semanas de pagamento; seguro saúde até o final de 2020; suporte na recolocação e também poderiam continuar com seus computadores. Contatadas pela reportagem, tanto Airbnb quanto LinkedIn não quiseram se pronunciar.

Outra empresa que adotou pacote de medidas para dar um suporte mais humanizado para seus ex-colaboradores foi a Uber. Salário adicional, convênio médico estendido, doação de equipamentos, criação de banco de talentos, consultoria para recolocação e uma espécie de “apadrinhamento” para a indicação de vagas foram as principais ações da empresa.

Diana Medeiros, ex-funcionária da Uber, diz que a demissão não foi uma surpresa.

“Eu estava em uma posição que me dava a possibilidade de acompanhar de perto todos os impactos que estavam acontecendo. É uma situação muito incomum e, para cuidar da saúde do negócio, ações do tipo são necessárias.”

Diana fala que o suporte da empresa após a demissão, em maio, deu tranquilidade para escolher os próximos passos e conseguir recolocação na empresa Liv Up. “Estou há um mês na nova empresa, que tem uma cultura alinhada aos meus projetos pessoais, e isso foi possível devido ao apoio que a Uber me ofereceu.”

Natália Antonio, que também foi demitida da Uber, partilha do mesmo sentimento de Diana. “Por mais que tenha sido difícil, esse pacote ajudou para que o processo fosse mais tranquilo”, diz ela, que destaca a importância de

ter ficado com equipamentos de trabalho para as entrevistas que fez até ser realocada neste mês, na Amazon.

O psicólogo Celson Hupfer explica que a maior parte das empresas que conseguiram aplicar medidas como essas (que demandam custos) são aquelas que já possuem uma posição diferenciada tanto para o mercado quanto para dentro de sua cultura. “Essas empresas, normalmente, são mais desejadas a se trabalhar. São vistas de forma diferente não só no âmbito do trabalho, mas também no do consumo.”

Para a advogada Juliana Amarante, os frutos são colhidos depois. “A imagem de proteção ao empregado é cada vez mais importante. Muitas pessoas estão indo trabalhar não só pelo salário, mas por benefícios, contexto moral e sensação de confiança e bem-estar com a empresa.”



Medidas garantem mais tranquilidade ao demitido até que ele possa se reinserir no mercado

PESTANA LEILÕES

EDITAL DE LEILÃO ON-LINE IMÓVEL EM SANTA RITA/PB
Acesse o site: leiloes.com.br e participe!

previsul
SEGUROS

Lilimar Pestana Gomes, Leiloeira Oficial, JUCISRS 168/00, autorizada e por intermédio de Companhia de Seguros Previdência do Sul (Previsul), CNPJ nº 92.751.213/0001-73, representando neste ato Caixa Consórcios S/A - Administradora de Consórcios, CNPJ nº 05.349.595/0001-09, promoverá, na forma da Lei 9.514/97, nas datas de 27/08/2020 (1º leilão) e 03/09/2020 (2º leilão), ambas às 10h, o leilão do(s) seguinte(s) lote(s): Lote 31 - Santa Rita/PB: Apartamento nº 01, do Ed. Solar de Barão de Marau, situado na Avenida Flávio Ribeiro Coutinho, nº 264, bairro Centro, com área privativa estimada no local de 107,00m². Matrícula 46.724 do 2º RI local. Obs.: Área privativa pendente de averbação no RI. Regularizações e encargos perante os órgãos competentes de eventual divergência da área construída que vier a ser apurada no local, correrão por conta do comprador. Débitos de IPTU de aproximadamente R\$ 500,00 por conta do arrematante. Ocupado. Desocupação por conta do comprador. (AF) Lance mínimo: 1º Leilão R\$ 200.000,00. 2º Leilão R\$ 192.552,40. COND. DE PGTO.: à vista, mais comissão de 5% à Leiloeira. DA PARTICIPAÇÃO ON-LINE: mediante cadastro prévio no site da Leiloeira. OBS.: O Fiduciante possui direito de preferência de compra, nos termos da lei.

51 99537.5119 • Condições de Pagamento e Venda no site: leiloes.com.br • imoveis@pestanaleiloes.com.br

Covid: mortes estão em queda desde junho na PB, diz estudo

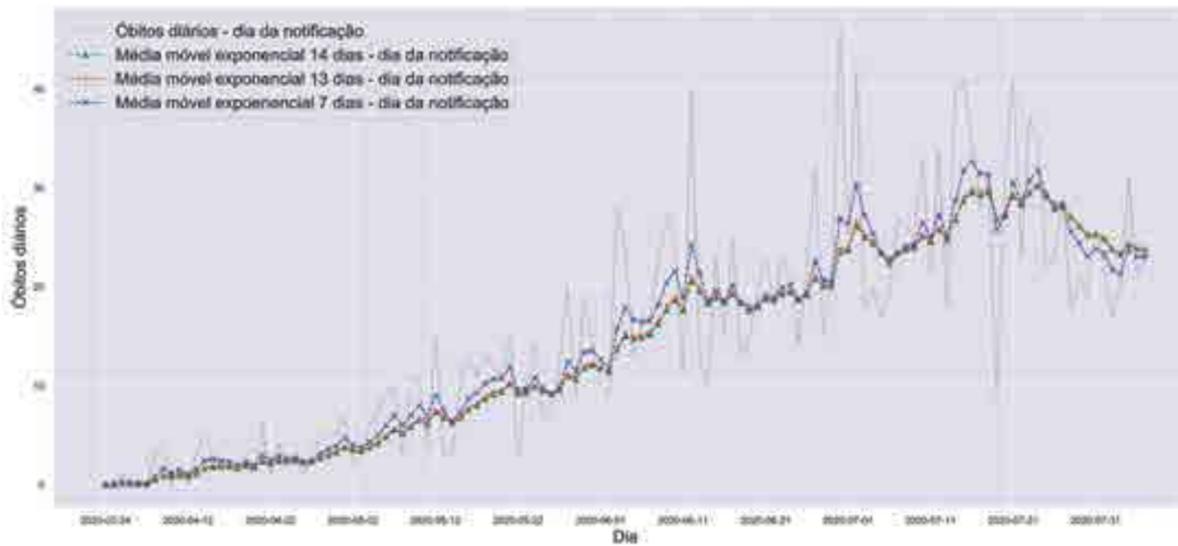
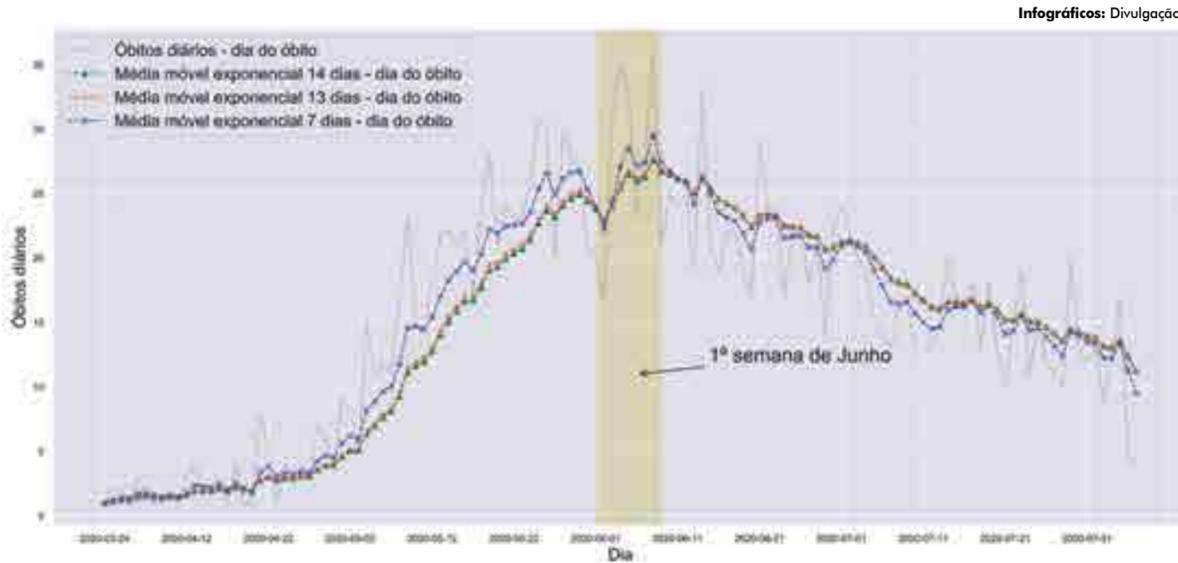
Apuração feita pelo Labimec/UFPB computa a data real do óbito e mostra diferença com relação à contagem a partir do dia da notificação

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal da Paraíba realizam análises sistemáticas retratando uma série de comportamentos diante de uma epidemia que mudou os hábitos sociais. Qual o sentimento expresso pelas redes sociais? Como evoluíram as condições de saúde e até mesmo as fiscais não só da Paraíba, como de outros estados? O trabalho é feito no Laboratório de Inteligência Artificial e Macroeconomia Computacional (Labimec) com alto nível de precisão revelando, inclusive, que o número de óbitos por covid-19 vem caindo desde junho, considerando o registro pela média móvel exponencial do dia do óbito.

A suspensão das atividades por causa da pandemia não foi motivo para o coordenador do Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal da Paraíba, professor Dr. Cássio da Nóbrega Besarria, perder a motivação. O planejamento inicial para o ano de 2020 foi engavetado e uma proposta diferente nasceu: "como a universidade pode contribuir para atravessar essa crise social, econômica e sanitária?" A resposta que lhe trouxe um propósito foi: gerando informações; construindo indicadores.

Assim, o Laboratório de Inteligência Artificial e Macroeconomia Computacional (Labimec) começou a analisar indicadores relacionados à doença e evoluiu para análise de impactos econômicos da covid-19, direcionada tanto ao Estado da Paraíba quanto ao Brasil. Em seguida, houve



a oportunidade de inscrever o projeto no Edital Covid-19, o qual foi selecionado juntamente com outras 17 propostas de pesquisas científicas relacionadas ao enfrentamento do novo coronavírus. O edital foi uma iniciativa da Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia e da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba

(Fapesq-PB) e conta com R\$ 2 milhões em recursos exclusivos do Governo do Estado da Paraíba e da Assembleia Legislativa da Paraíba.

Dez pesquisadores liderados pelos professores Drs. Cássio da Nobrega Besarria e Maria Daniella de Oliveira Pereira da Silva trabalham remotamente com informações de fontes como a Pes-

quisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE), da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), TIC Domicílios, do Google, inLoco, Banco Central, Tesouro Nacional, entre outros.

Segundo o professor Cássio Besarria, os cálculos baseados em diferentes modelos matemáticos apresentam resultados muito

próximos, o que corrobora a acurácia das pesquisas. Um dos exemplos é a análise dos óbitos na Paraíba. O Labimec demonstrou que a diferença no desenho da curva do número de óbitos por covid-19 na Paraíba se deve à contagem feita na data da morte, e não no dia da notificação. "Muitas vezes o exame chega com um atraso de até 14 dias

e reflete em informações equivocadas. Isso é prejudicial para a tomada de decisões, especialmente nesse momento com a economia fragilizada", alerta.

Dados somados até o último dia 5 mostram que a incidência de outras doenças no mesmo paciente, ao mesmo tempo - as comorbidades - relacionadas aos óbitos por covid-19, variam, dependendo da faixa etária. "No Estado, 74,6% das vítimas tinham algum tipo de comorbidade, 14,1% não tinham e 11,2% não foi informado. Na análise da frequência de comorbidades de acordo com a faixa etária, percebe-se que diabetes, hipertensão e cardiopatias se destacam em todos os recortes. Doenças respiratórias é um fator importante entre 20 e 29 anos, obesidade é um fator importante nos óbitos com idade entre 30 e 49 anos e doenças neurológicas foi maior entre os óbitos com 80 anos ou mais".

Dos óbitos na Paraíba, 89,8% morreu na rede pública, 7,9% na rede privada, 2,2% em residências e apenas 1 óbito ocorreu em transporte. Mas esses valores devem considerar que "se mais pessoas buscam serviço público, naturalmente, o maior volume de óbitos também estará no serviço público. Essa informação foi corroborada pela PNAD-Covid, no qual os dados foram apresentados no último domingo, em que 85,1% das pessoas que procuraram ajuda médica, buscaram o serviço público, para o serviço privado, o valor foi de 14,9%." Os pesquisadores alertam que essas métricas ainda não são suficientes para medir a eficiência do serviço público ou privado.

Sentimento das pessoas sobre a pandemia é detectado nas redes sociais

Nas redes sociais também é possível captar informações acerca dos sentimentos das pessoas com relação à pandemia. Os pesquisadores do Labimec optaram pelo mapeamento do Twitter por causa do acesso digital facilitado que a rede proporciona.

Foram coletados 20 mil tweets com a #COVID-19 entre os dias 21 de julho a 5 de agosto com foco em moradores de João Pessoa

e Campina Grande. Foram aplicadas técnicas de machine learning (inteligência artificial). Nesse período, em João Pessoa, "o sentimento apresentou uma oscilação, porém, tendendo ao negativo. O pico do sentimento negativo ocorreu dia 31 de julho, coincidindo com o primeiro final de semana da reabertura de bares e restaurantes. A opinião entre os internautas estava dividida; nesse mesmo dia a cidade

contabilizou 21.300 casos de coronavírus e 625 óbitos no agregado".

Em Campina Grande, o sentimento foi neutro; a reabertura de bares e restaurantes ocorreu uma semana antes, desde o dia 13 de julho; o sentimento apresen-

tou alguns valores positivos, o pico positivo ocorreu dia 22 de julho com a notícia da recuperação de uma idosa de 100 anos com coronavírus, na cidade.

Outra tecnologia de inteligência artificial foi aplicada na criação do Dr. Labimec,

um robô que dá orientações acerca da covid-19. "Em um momento onde temos muita informação e pouca coisa é útil, nós tivemos a intenção de combater notícias falsas. Inserimos no robô todas as informações sobre a covid-19 do Ministério da Saúde e da OMS. O robô está programado para interagir com aqueles que lhe pedem informações. Ele lança uma pergunta para a pessoa e mantém uma conversaço

dessa forma seguindo um fluxo. Ele faz um filtro inicial e é capaz de indicar locais próximos para consultas e outras questões", explica Cássio Besarria.

O Hospital Universitário Lauro Wanderley utiliza o Dr. Labimec em seu site. "Além do serviço para a população, com o robô poderemos avaliar, no futuro, o grau de conhecimento das pessoas que interagiram com ele", diz o pesquisador.

///O sentimento apresentou uma oscilação, porém, tendendo ao negativo. O pico do sentimento coincidiu com a reabertura de bares e restaurantes ///

+ Análises fiscais registram queda na arrecadação de ICMS no segundo bimestre

As análises fiscais, feitas em colaboração com a Universidade Católica de Brasília, ilustram o atual cenário fiscal e buscam contribuir com a discussão das finanças públicas estaduais, dado o efeito da covid-19.

Conforme publicação dos pesquisadores Jevuks Araújo, e Pedro Alves, a arrecadação de ICMS do Estado da Paraíba no segundo bimestre desde ano, com-

parado ao mesmo período do ano anterior, registrou uma queda real de 10,3%, o que representa uma perda real de aproximadamente R\$ 49,3 milhões de receita própria. Ainda assim, foi um resultado melhor do que o nacional, cuja redução, no mesmo período, foi de 16,8%, uma perda real de arrecadação de aproximadamente R\$ 7,1 bilhões.

Por outro lado, "no Es-

tado da Paraíba o pico do crescimento dos gastos com saúde foi verificado no primeiro bimestre de 2020. Entretanto, houve um aumento real nas despesas com pessoal de 7,9% o que vai na via contrária dos outros estados. Destacamos que os dados analisados ainda não capturam os efeitos do reajuste salarial de 5% que o Governo do Estado da Paraíba promulgou em maio deste ano."

FLUXO SEMANAL DE PUBLICAÇÕES:

- As publicações do Labimec são feitas na página ufpb.br/labimec e no Instagram @labimec. Os conjuntos de dados podem ser acessados também em linktr.ee/Labimec.
- 2ª-feira: projeções da doença no Estado
 - 3ª-feira: análise do nível de isolamento
 - 4ª-feira: às 12h informações sobre ocupação de leitos de enfermaria e UTI e à noite, um perfil dos óbitos
 - 5ª-feira: monitoramento de análise em redes sociais sobre como a população tem visto o enfrentamento à doença na PB, no Brasil e em outros países.
 - 6ª-feira: Boletim de análise de acompanhamento da covid-19 no Estado - um resumo com explicação da metodologia.
 - Sáb. e Dom.: - Análises econômicas



Foto: Arquivo do Jornal A União

“O tempo passou, mas a revolta nunca acaba”

João Pedro Teixeira, mártir da luta dos trabalhadores do campo, está inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, em Brasília

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

“Eu tinha cinco anos quando tudo aconteceu. A emboscada foi numa rodovia, entre Café do Vento e Sobrado. Perdi meu pai. Todos tivemos que fugir para não morrer também. Não lembro de tudo, mas algumas coisas vêm à memória. Eu e meus irmãos perdemos pai e mãe e tivemos que nos separar. Ele foi morto. Ela teve que se esconder no Rio Grande do Norte porque passou a ser perseguida ao se envolver na causa do homem do campo. O tempo passou, mas a revolta nunca acaba”.

O depoimento é de Maria José Teixeira, filha do líder camponês João Pedro Teixeira, um dos mártires dos embates que os trabalhadores rurais travaram com os latifundiários na época da ditadura, luta marcada por histórias trágicas, lágrimas e sangue. Enquanto líderes rurais pelejavam para dar ao homem do campo o direito de trabalhar, ter uma remuneração e de ser tratado de forma digna, os donos das terras se sentiam ameaçados, torturavam e chegavam ao extremo de tirar a vida dos “rebeldes”.

João Pedro Teixeira, paraibano de Pilõesinhos, na região de Guarabira, foi uma das vítimas. Fundador da primeira liga camponesa na Paraíba, no município de Sapé, perdeu a vida numa emboscada em 2 de abril de 1962, quando tinha apenas 44 anos, deixando desamparados a viúva Elizabeth Teixeira e os 11 filhos do casal.

Sua batalha, porém, não foi esquecida. Reconhecido por sua determinação, o camponês foi inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, em Brasília. A decisão do então presidente da República Michel Temer foi publicada em 8 de janeiro de 2018. “Com certeza, ele mereceu esse título. Era uma pessoa que lutava pelas causas sociais em benefício dos trabalhadores do campo. Os grandes latifundiários não aceitavam esse trabalho dele. Achavam que meu pai estava fazendo algo de errado contra eles”, relatou Maria José Teixeira. Além dela, outros cinco filhos estão vivos.

Filhos “distribuídos” se reencontram anos depois

Após o assassinato do líder rural e a “fuga” de Elizabeth para salvar a própria vida, os filhos foram “distribuídos” com a família e outras pessoas. A mãe só conseguiu reencontrar alguns muitos anos depois, durante os trabalhos da Comissão Nacional e Estadual da Verdade, que investigavam os casos das vítimas da ditadura no Brasil.

“O importante da Comissão da Verdade é que, como os filhos se separaram e nunca mais se viram, a comissão conseguiu trazer os que estavam vivos para um encontro com a mãe. Foram muitas lágrimas,

muitas mágoas porque a mãe abandonou, mágoas terríveis, e a comissão intermediou, ouvindo um por um. Foi maravilhoso. Cada um colocou o que estava sentindo”, relatou Waldir Porfírio, da Comissão da Verdade.

Em 2013, houve uma audiência pública em Sapé, coletando depoimentos sobre o caso. Na ocasião, Elizabeth Teixeira, que chegou a ser presidente do Sindicato dos Trabalhadores, também foi ouvida e relembrou as constantes perseguições e a luta do marido morto por lutar pelos direitos dos trabalhadores do campo.



João Pedro, a esposa Elizabeth e sua família imensa de 11 filhos



Elizabeth Teixeira, 95, com os seis filhos ainda vivos

“Meu avô, o pai da minha mãe, era latifundiário, e uma das razões para ele não querer o casamento era porque meu pai era negro e pobre. Os latifundiários se sentiam ameaçados porque ele lutava pelos direitos do homem do campo”, relatou a filha. Para Maria José, foi uma luta digna, apesar do desfecho trágico. A viúva Elizabeth Teixeira, hoje com 95 anos, não comenta mais o assunto. As falhas na memória por causa da idade não permitem mais entrevistas. Raramente, tem flashes, segundo a filha. “Ela nem sempre lembra, não tem mais essa dimensão”, comentou.

A reportagem verificou que o mandante do assassinato de João Pedro Teixeira, de acordo com as investigações, é o mesmo latifundiário suspeito de encomendar a morte da líder sindicalista rural Margarida Maria Alves, 21 anos depois. Mas ele nunca foi preso.

João Pedro Teixeira foi morto pelo Cabo Chiquinho (Francisco Pereira da Silva) e o sargento Antônio Alexandre. No dia 10, os suspeitos foram presos e expulsos da polícia. Os mandantes foram Pedro Ramos Coutinho, Antônio José Tavares e Agnaldo Veloso Borges. “Arnaud Nunes Bezerra, que era o vaqueiro de Agnaldo, desapareceu e suspeita-se que deram cabo a ele”, relatou o psicólogo, advogado, mestre em políticas públicas e direitos humanos e membro da Comissão da Verdade, Waldir Porfírio. Outro fato curioso é que o inquérito do caso de João Pedro Teixeira sumiu do Tribunal de Justiça da Paraíba logo após o golpe de 1964. A Comissão da Verdade, liderada pela professora Lúcia Guerra, fez o levantamento de todos os processos que tramitavam. O documento nunca foi localizado.



Ilustração: Tonio

Protestos e visita de João Goulart

A morte do líder camponês chegou a ser, de certa forma, associada ao pai de Elizabeth. Porém, conforme as investigações, o latifundiário Agnaldo Veloso Borges, suspeito de encomendar o assassinato da líder sindical Margarida Maria Alves, teria envolvimento no caso. A população se revoltou com o assassinato e ocorreram muitos movimentos em João Pessoa. Até o presidente da República, João Goulart, veio para a capital e houve um grande comício na Lagoa, com trens lotados de camponeses de Sapé.

A morte teve repercussão internacional e, na época, as ligas camponesas no Brasil começaram a tomar conta de tudo, segundo Waldir Porfírio. “Era a segunda abolição da escravidão. A primeira liberou os escravos. Alguns ficaram nas terras e o acordo era eles ficarem lá, fazer uma casinha de barro, de pau, bem rústica onde morariam com suas famílias. Em contrapartida, trabalhariam dois três dias de graça e plantariam o próprio sustento”, contou. Isso ocorreu entre 1955 e 1958, quando foi formada a liga de Sapé. Aconteciam reuniões na casa de João Pedro, que tinha fugido com Elizabeth para Pernambuco. Lá, ele trabalhou numa pedreira e criou um sindicato da categoria. Retornou em 1955 e começou a organizar as primeiras reuniões para formação das ligas.

Entre surras e estupro

“Na época, o proprietário ia até o local. Se não gostasse do trabalho do camponês podia bater de chibata, como na época da escravidão. Alguns deles tinham direito de pegar a mulher do camponês, tirar a virgindade da filha. E ele, pela tradição da escravidão, ficava calado. Se morresse, enterrava numa rede, não tinha dignidade”, conforme Porfírio.

Importância das Ligas Camponesas

Com as ligas, a realidade que tor-

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code ao lado e assista ao documentário ‘Cabra marcado para morrer’, de Eduardo Coutinho, que explicita a luta do homem do campo e o assassinato do líder João Pedro Teixeira.



Foto: Editora A União



Acima, capa de livro da Editora A União e abaixo set de filmagem de ‘Cabra marcado para morrer’

Foto: Memorial da Democracia



SAIBA MAIS

■ Editora União – A série ‘45 nomes do século’, lançada pela Editora União, em 2000, é de autoria de Waldir Porfírio e Assis Lemos, e traz uma biografia de João Pedro Teixeira.

■ Clássico do documentário nacional – A história de João Pedro Teixeira foi emblemática e acabou transformada em um documentário. O filme ‘Cabra marcado para morrer’, de Eduardo Coutinho, conta a saga do camponês e mostra, com detalhes, como a luta pelos direitos do homem do campo naquela época era arriscada.

Foto: Arquivo do Jornal A União



Edição do Jornal A União de 5 de abril de 1962 mostra manifestação após o homicídio

nava os camponeses quase escravos mudou, principalmente com relação ao cambão, que era o trabalho gratuito feito por eles. Começaram a buscar atendimento em saúde, passaram a ser alfabetizados. Em três, quatro meses, começavam a ler e escrever.

“Foram conquistas que afetavam os proprietários rurais. Ao tomar consciência de que estavam sendo explorados, os camponeses não votavam nos candidatos donos dessas propriedades”, disse Waldir Porfírio. Antes dessas vitórias, porém, a família de João Pedro Teixeira passou por mais uma amarga experiência. “Uma das filhas se suicidou, não aguentou a pressão”, lembrou Waldir Porfírio.

Carlos Roberto de Oliveira

As múltiplas faces de um comunicador social

Foto: Arquivo do Jornal A União



Carlos Roberto Alves de Oliveira colocou em prática ideias inovadoras para aproximar as redações de jornais, rádios, revistas e TVs das expectativas de leitores, ouvintes e telespectadores

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@uoi.com.br

Magro, de expressão intelectualizada e riso discreto, o jornalista Carlos Roberto Alves de Oliveira foi um profissional que viveu para ser chefe e pensar em novas ideias a fim de transformar as redações de jornais, revistas e TVs em ambientes mais próximos do povo e melhor assimilados. Nasceu em João Pessoa, no dia 12 de dezembro de 1941. Era Filho de Afonso Barbosa de Oliveira e Maria Alves de Oliveira, um casal de classe média. Morreu de infarto no miocárdio em 30 de outubro de 2016, no Hospital da Unimed, na capital paraibana. Antes de se formar em Comunicação Social pela UFPB, foi seminarista e gostava muito do latim, daí seu profundo conhecimento da língua portuguesa.

“Ele arquitetou a ideia de montar uma livreria que vendesse apenas livros de autores paraibanos. Foi uma iniciativa que a morte tocou, levando seu autor para criar e empreender noutras dimensões. Tinha uma inteligência singular, que reunia ideias arrojadas, bem à frente da época em que viveu”, relata, em nome da família, o seu genro Marcos Augusto Eduardo Gomes Duarte, casado com uma das filhas de Carlos Roberto, Cláudia Roberta Nascimento de Oliveira.

Carrinho, como era chamado na intimidade, inovou também na propaganda política e nos programas de rádio. “Quando foi diretor da Rádio Tabajara, criou o ‘Triplex Musical’, programa que gerava três músicas

consecutivas, informava sobre os respectivos autores e, em seguida, mandava três minutos de publicidade”, lembra o jornalista e escritor Fernando Moura. “Era um horário radiofônico esperado com ansiedade”, acrescenta.

O jornalista Martinho Moreira Franco, que trabalhou com Carlos por mais de 40 anos, fala sobre trajetória do colega de profissão. “Como Secretário da Comunicação Social, comandou a Secom Estadual, a Rádio Tabajara e o Jornal A União, aumentando o brilho profissional que existia nesses órgãos governamentais da comunicação”, sublinha. “Ele introduziu na Paraíba o marketing eleitoral, fundamentado em bases científicas, a partir de pesquisas de opinião pública e, pode-se dizer, que era exímio fazedor de políticos não só na Paraíba, mas em outros estados e até no exterior”, completa.

Ainda de acordo com Martinho, o marketing político realizado por Carlos

“Quando foi diretor da Rádio Tabajara, criou o ‘Triplex Musical’, programa que gerava três músicas consecutivas, informava sobre os respectivos autores e, em seguida, mandava três minutos de publicidade”

Roberto resultou em vitórias eleitorais. “Comandou a vitória de Wilson Braga sobre Antônio Mariz, na eleição para Governo do Estado em 15 de novembro de 1982, e foi autor do acordo entre Braga e Carneiro Arnaud, que elegeu este médico oncologista para prefeito de João Pessoa, em 1985”, lembra.

Moreira Franco repete ainda que “apesar de bom repórter, Carlos Roberto tinha sua maior vocação em ocupar cargos estratégicos nas redações. Ele fez isso numa das melhores fases do Correio da Paraíba. E, embora fosse um jovem recém-saído como foca de um diário de pouca expressão, comandou habilmente uma equipe de veteranos”, recorda.

Ações no turismo

Surgindo como um dos diretores mais criativos e inovadores da Rádio Tabajara, Carlos Roberto agia com firmeza, sem ser autoritário, imbuído de um forte espírito disciplinador. Quando foi diretor da Empresa Paraíba de Turismo (PBtur), descobriu uma formação rochosa diferente, em São João do Cariri, e a batizou de Muralha do Meio do Mundo. O acidente geográfico ficava enraizado em uma região onde os habitantes mais antigos falam da lenda de índios gigantes.

Na área de turismo, também dirigiu a Aya Sofia, uma empresa de turismo religioso, que anualmente transportava turistas da Paraíba para a Turquia e vice-versa. Tinha ainda projetos para construir um santuário dedicado à Nossa Senhora, no Conde, a 18 km de João Pessoa.

+ Atuação na publicidade e marketing político

O jornalista Martinho Moreira Franco afirma que José Nêumanne, quando falava de Carlos Roberto em seus artigos, dizia que este marqueteiro eleitoral paraibano era autor de uma das melhores sentenças sobre a nossa democracia: “Ao longo do exercício do poder republicano pelos eleitos, o eleito nem fede nem cheira”, afirmava.

O paraibano Mailson da Nóbrega, quando foi ministro da Fazenda no Governo Sarney, convocou Carlos para analisar suas chances de eleição à Constituinte. Carlos encerrou a análise com um comentário espirituoso: “Eleição no Brasil, principalmente nas regiões pobres como o Nordeste, não é exercício de democracia, mas mecanismo de distribuição de renda.”

De acordo com os testemunhos de Fernando Moura, Walter Santos e Moreira Franco, Carlos Roberto conseguiu fazer com que o governador Burity emplacasse, com muito brilho, nas páginas amarelas da Veja. Ao deixar o governo, Burity foi o candidato da Paraíba mais votado para deputado federal.

As ações de Carlos Roberto na área de comunicação foram muito além. Junto com seu irmão, o também jornalista Roberto Carlos de Oliveira,

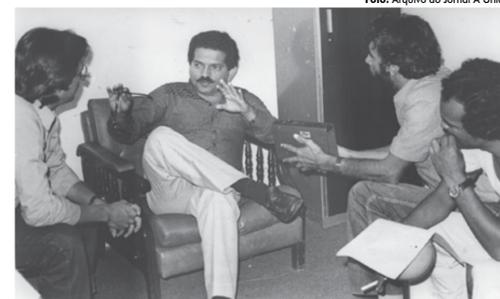


Foto: Arquivo do Jornal A União

Carlos Roberto (no centro), concedendo entrevista para a equipe do Jornal A União

Carrinho lançou, na Paraíba, o serviço Disque-Amizade, aproximando mais solitários. A ferramenta também resultou em diversos casamentos entre pessoas que se conheceram por uma linha telefônica abençoada pelo jornalista “cupido”.

O jornalista e escritor Gonzaga Rodrigues define Carlos Roberto como “um homem de mente brilhante, acima de tudo dotado de uma fé corpórea naquilo em que acreditava. Seu grande trunfo foi vender livros impressos na Paraíba e colocar títulos provincianos nas estantes regionais e nacionais”, observou.

Abelardo Jurema, um dos cronistas sociais mais conhecidos de João Pessoa, disse que Carlos Roberto fazia o papel

sário e consultor. Agiu como um autêntico intelectual afeito aos clássicos, conhecedor da Bíblia e também apaixonado por outras culturas”, recorda.

O ex-Ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega já lembrou, em entrevista, que aprendeu a admirar a cultura, inteligência penetrante, habilidade de análise e a seriedade profissional de Carlos Roberto. Segundo o economista, a passagem do jornalista por diferentes áreas permitiu que deixasse, além dos serviços prestados à Paraíba, a marca do homem probo, leal, competente e, sobretudo, amigo.

O jornalista Rubens Nóbrega também fala sobre a capacidade intelectual de Carlos Roberto. “Além de um intelecto privilegiado, Carlos era dono de uma criatividade extraordinária e de uma fantástica, às vezes corrosiva, espiritualidade. Bom piadista e cristão no sentido mais estrito da palavra”, resume.

Agência Chroma

O publicitário Luccas Sales informou que Carlos criou uma agência chamada Chroma para dar novas oportunidades aos profissionais interessados em trabalhar na área do marketing eleitoral. “Parecia que a gente estava operando em Hollywood”, costuma dizer Sales.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Uma noite com games, adolescentes e um olhar crítico para a mídia

Gargalhadas, games, gírias da moda e uma conversa bem madura, digamos assim, em comparação à idade dos envolvidos. Passa das 20h da terça-feira. Da varanda de casa, ouço diálogos do meu filho de 16 anos com alguns colegas. Estão brincando com algum jogo on-line. Na verdade, dois brincam enquanto o restante do grupo acompanha tudo de forma remota. Conversam, riem, se divertem. E dão uma verdadeira aula de conhecimento e criticidade a muitos adultos que vejo por aí.

São meninos e meninas na faixa dos 16, 17 anos. Estudaram juntos no Ipei — o Instituto Pessoense de Educação Integrada. Localizada no bairro dos Bancários, em João Pessoa-PB, não por acaso a escola tem como slogan a frase “A escola da sua vida. Inteira”. Como o Ipei só oferece até o nono ano do Ensino Fundamental, hoje meu filho e os colegas estudam em outra unidade de ensino. Alguns estão no IFPB (Instituto Federal da Paraíba); outros, em escolas privadas.

Mesmo distantes, mesmo durante a pandemia, mantêm o contato. Também guardam muito do que aprenderam no Ipei: respeito pelo outro, capacidade

de análise, senso crítico para interpretar o mundo e as informações que veem por aí. Isso não é pouco! Conheço muito adulto e muitos jornalistas que não trazem em si o que identifico nesses adolescentes. Sim, são meninos e meninas que adoram virar a madrugada conversando e jogando on-line, mas também acompanham o que ocorre pelo mundo. Consumem notícias, mas com um olhar analítico.

Durante o jogo da terça-feira à noite, por exemplo, um dos temas foi a explosão em Beirute, capital do Líbano. Enquanto acionavam os comandos do game, conversavam sobre o fato, comentavam sobre a imagem (Vêi, quando vi, lembrei muito da foto da explosão da bomba atômica), avaliavam de quem seria a responsabilidade, levantavam conjecturas sobre o que, de fato, teria ocorrido, e refletiam sobre os números: Depois da pandemia, a gente ouve falar de 70 mortes e não se impressiona como deveria. Mas são 70 mortes!

Tenho muita esperança nessa meninada! E não apenas sobre o que esses adolescentes serão no futuro! Hoje, no presente, eles já conseguem fazer pequenas transformações no cotidia-



Foto: Ricarda Mšickl/Pixabay

paganda - Abap) e atua na capacitação de professores por meio do programa Educamídia.

Um dos propósitos do Educamídia, aliás, é oferecer suporte e ferramentas para que crianças e jovens desenvolvam as habilidades necessárias para consumir informação de forma segura e responsável. Como

público-alvo prioritário, estão professores/educadores do Ensino Fundamental, e a ideia é que tais profissionais possam propagar a educação midiática: um conjunto de competências para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos.

Gosto da proposta do Palavra Aberta e creio que precisamos de mais atitudes como essa. E estimo ainda mais essa meninada que se dispõe a fazer florescer o novo. Como cantava Gonzaguinha, “Eu ponho fé é na fé da moçada/ Que não foge da fera e enfrenta o leão/ Eu vou à luta com essa juventude/ Que não corre da raia a troco de nada/ Eu vou no bloco dessa mocidade/ Que não tá na saudade e constrói/A manha desejada”. Sigamos pois!

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Sinhô, o Rei do Samba

Poucos hoje se dão conta. Mas, mesmo antes de aparecer, nos anos 30, gente da genialidade de Noel Rosa, de Ataulfo Alves, de Wilson Batista ou Geraldo Pereira, o samba carioca teve uma grande estrela que conquistou o país nos anos 20. Ele se chamou José Barbosa da Silva, mas entrou para a história com o apelido de Sinhô. “O Rei do Samba”.

VAIDOSO, TALENTOSO, FALADOR, CHARMOSO, CONQUISTADOR, PLAGIÁRIO, PIANISTA, BRIGÃO, AMIGO DE RICOS E MISERÁVEIS, PIONEIRO DOS DIREITOS AUTORAIS, FIXADOR DO SAMBA CARIOCA. COMPOSITOR DE ENORME TALENTO. REUNINDO TUDO ISSO NA FIGURA QUE PIXINGUINHA DESCREVEU COMO “ALTO, MAGRO, FEIO E DESDENTADO” SINHÔ COLOCOU A COROA EM SUA CABEÇA ANTES QUE ALGUÉM O FIZESSE.

JOSÉ BARBOSA DA SILVA, mais conhecido como Sinhô é uma das figuras que alicerçam a história da MPB: não tantas as façanhas a ele atribuídas que não se pode precisar onde termina a lenda e começa a realidade. Sinhô — a origem do apelido é desconhecida — um mulato. Nasceu no Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1888; faleceu em 4 de agosto de 1930. Foi um pianista, violonista, cavaquinhoista, flautista e compositor brasileiro. Nasceu na casa de nº 90 da Rua Riachuelo, Centro do Rio de Janeiro. Filho do mestre pintor e decorador de paredes de botecoquins e de clubes dançantes, Ernesto Barbosa da Silva, conhecido pelo apelido de Tenê, um apaixonado pelos grupos de choro que esperava ver o filho transformado em grande flautista e de Graciliana Silva. Teve um irmão, Ernesto, apelidado de Caboco.

Mas, com 17 anos, Sinhô já está casado com

a portuguesa Henriqueta Ferreira, de 16 anos, a primeira de uma série de mulheres a se render ao charme do nada bonito, mas talentosíssimo futuro músico e compositor. Sinhô enviuvu aos 26 anos, pai de três filhos, já famoso por mudar constantemente de casa por não pagar aluguel e fugir de credores, passando a viver do piano que já tocava; e também começa a compor.

Apresenta-se onde pode conseguir dinheiro. É visto no Clube Kananga do Japão, mas não rejeita ofertas de bailes, ranchos e casas suspeitas. Seu emprego mais fixo é o de pianista de plantão em todas as lojas de instrumentos musicais e partituras, onde testa pianos e interpreta partituras para possíveis compradores. Na Casa Beethoven conhece outra pianista, e sua vida muda ao se tornarem amantes. Cecília se encarrega de passar para a pauta as primeiras composições de Sinhô e de ser a divulgadora de sua obra para os clientes da loja.

É na Casa Beethoven que compõe o samba “Quem são eles?”, provocando Pixinguinha e sua turma. É seu primeiro sucesso, cantado no Carnaval de 1918 e ponto de partida para a carreira de compositor. Extremamente vaidoso e com grande capacidade de se autopromover, torna-se conhecido no Rio de Janeiro, frequentando todas as rodas, com amigos, marginais, intelectuais, boêmios ou milionários.

Ele era o traço mais expressivo ligando os poetas, os artistas, a sociedade fina e culta às camadas profundas da ralé urbana. Daí a fascinação que despertava em toda gente quando levado a um salão. A perspicácia leva-o a proteger suas obras, criando um carimbo que identifica cada partitura vendida e rubricando os discos gravados com suas músicas.

O cuidado que tem com sua produção não o impede de desprezeitar o trabalho alheio. Ficou surpreso quando Donga, em 1917, registrou com sendo dele (em parceria com Mauro de Almeida) o samba carnavalesco “Pelo telefone”, que na casa da Tia Giata todos cantavam com o nome de “O roceiro”. A canção, que até hoje é motivo de discursões, gerou uma das maiores polémicas da história da música brasileira, com vários compositores, entre eles Sinhô, reivindicando sua autoria, e por se apropriar de temas de outros, passou a vida inteira brigando.

Para alimentar a polémica, compôs, em 1918, “Quem são eles”, numa clara provocação aos parceiros de “Pelo telefone”. Acabou levando o troco. Exclusivamente para ele, foram compostas “Fica calmo que aparece”, de Donga, “Não é tão falado assim”, de Hilário Jovino Ferreira, e “Já te digo”, de Pixinguinha e seu irmão China, que traçaram um perfil nada elegante: “(Ele é alto e feio/ e desdentado/ e fala do mundo inteiro/ e já esta avacalhando...). Pagou ambos com a marchinha “O pé de anjo”, primeira composição gravada com denominação marcha. O gosto pela sátira lhe trouxe alguns problemas mais sérios, quando compôs “Fala Baixo” em 1921, uma brincadeira com o presidente Artur Bernardes. Teve de fugir para casa de sua mãe para não ser preso.

Foram seus adversários principalmente os compositores Heitor dos Prazeres — de quem esconde a parceria — Caninha, com quem troca farpas musicais, briga que acaba por render a quadrinha de Assombro, cronista da época: “Dois cabras perigosos/dois diabos infernais/José Barbosa da Silva/José Luiz de Moraes”.

Famoso nos anos 20, suas músicas ganham sucesso no teatro de revista, um dos grandes lançadores de compositores e cantores na época. A vedete Aracy Cortes faz Sinhô um de seus autores favoritos e suas músicas ajudam cantores como Francisco Alves e Carmen Miranda a avançarem em suas carreiras.

Conquistador reconhecido, cercado de milhe-

ras, acaba por viver com Nair, sua última companheira. Freqüentador de reuniões intelectuais na casa do escritor Álvaro Moreira, não deixa de ser assíduo nos terreiros de macumba. Seu amigo José do Patrocínio Filho tenta coroa-lo “Rei do Samba” na festa da Penha e não consegue, mas Sinhô adota a realza para sempre.

Cultivou a fama farrista, promovendo grandes festas em bordéis, o que não o impediu de ganhar o nobre título de “O rei do Samba” durante a Noite Luso-Brasileira, realizada no Teatro República, em 1927. Em 1928, ministrou aulas de violão a Mário Reis, que se tornaria o seu intérprete preferido e que lançaria dois dos seus maiores sucessos: “Jura” e “Gosto que me enrosco”. Em 1929, em São Paulo, participa da campanha eleitoral de Júlio Prestes e se apresenta no Teatro Municipal, onde mostra a nova composição “Cansei”. Volta ao Rio de Janeiro e Mário Reis continua fazendo grande sucesso com sua composição “Jura”. Sinhô está no auge.

Mas a tuberculose, à qual não dá atenção desde de meados dos anos 20, cobra seu preço. Compôs o último samba, “O homem da injeção”, em julho de 1930, um mês antes de sua morte. Entretanto, a letra e a melodia deste samba desapareceram misteriosamente, não chegando ao conhecimento do público. Em decorrência da tuberculose, sofre forte hemoptise no dia 4 de agosto de 1930, viajando a bordo da barca Sétima, do centro do Rio e a Ilha do Governador, onde morava. O “Rei do Samba” chega ao velho cais Pharoux já morto.

Seu velório e funeral foram descritos com tintas literárias por Manuel Bandeira. Foi sepultado no Cemitério do Caju.

Manuel Bandeira, em “Crônicas da província do Brasil”, assim escreveu: “...o que há de mais povo e de mais carioca tinha em Sinhô a sua personificação mais típica, mais genuína e mais profunda”. Foi o compositor mais popular da segunda década do século XX. Seu nome está profundamente ligado ao nascimento do gênero samba.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Victor He Zm/Unsplash



Linha direta com o cliente!

Notei que algumas pessoas que voltaram para o novo normal estão perdidas e perdendo sua linha com seus clientes. Achando que podem estar em todas as plataformas de aplicativos gastronômicos, além de ter um programa robô que faça o pedido e ainda ter um WhatsApp para atender os pedidos.

E não é bem assim que a coisa anda. Ou você resolve o problema do pedido do cliente ou vai complicar os pedidos no meio de campo. Essa semana recebi uma mensagem de uma pessoa falando de um episódio que aconteceu com uma rede bem famosa que se denomina de comidas "árabes". Na sua rede social do Instagram, que tinha o contato direto de um WhatsApp para fazer o pedido, essa pessoa clicou e mandou a mensagem, escrevendo por várias vezes e nada de receber a resposta. Essa mesma pessoa desistiu de esperar a resposta e foi em outra empresa e fez o pedido direto de um aplicativo de comida. Depois de quase 15 minutos foi que a empresa que não respondeu o WhatsApp que mandou uma mensagem. Agora você veja qual o tipo de treinamento que as empresas estão dando aos funcionários para efetuar os pedidos e atender a demanda dentro do estabelecimento! E sabe qual foi a resposta do funcionário? Estava tirando um pedido de um outro cliente por isso que demorei a responder.

Aí eu pergunto: em época de dificuldade de pandemia onde muitas empresas fecharam as portas e muitas outras nem abriram ainda, será que vale a pena fazer um cliente esperar do outro lado 15 minutos para atender com uma resposta esfarrapada? Os tempos hoje vão mudar, será uma nova era onde todos vão passar por dificuldades, tanto o grande como o pequeno, isso se não tivermos um momento de uma nova piora no vírus e tenha que parar tudo novamente.

Como eu falei há algumas semanas atrás, não podemos retornar errando, perdendo clientes, tentando fazer com uma pior qualidade, ou colocando a culpa no boy que fez o delivery. Não é tempo de errar nem tentar algo diferente. Nesta era do novo mundo nós não teremos que matar um leão por dia, e sim uma alcateia.

A coisa não é para amadores e iniciantes, não espere que seu barco afunde com essas pequenas falhas que fazem muita diferença, a propaganda boca a boca é antiga, mas ainda existe e está hoje mais em moda do que nunca.

Procurem ajuda de profissionais em consultoria em gastronomia, marketing digital, marketing, assessores de imprensa... seja humilde e não deixe suas portas fecharem. Seu investimento hoje será o sucesso de permanecer vivo no meio dessa pandemia que não sabemos quando vai acabar, não espere o fracasso bater na sua porta e ser engolido por apenas um leão.



PITADAS A GOSTO

Galinha caipira, galinha de capoeira ou caneludo é, na culinária brasileira, o termo usado para se referir ao galináceo doméstico criado solto em quintais, fazendas e sítios, em contraste com o de criação industrial ou de granja. Tal iguaria aparece como receita tradicional da culinária nordestina como também mineira e da maioria dos outros estados brasileiros. Relata-se que os vaqueiros e tropeiros comiam apenas carne de sol e farinha durante suas viagens e, ao retornar para casa, ansiavam por algo diferente.

Assim, as famílias preparavam o frango caipira ou galinha a cabidela, acompanhados de pirão, arroz branco e feijão tropeiro. Outros autores afirmam que a galinha caipira com quiabo e angu, herança indígena, era usada para alimentar escravos.

QUENTINHAS

- Hoje, no Dia dos Pais, quero parabenizar todos os pais leitores com muito carinho, em especial meu pai Walber Ulysses, que aprecia uma boa gastronomia, principalmente um filé à parmegiana com espaguete e bastante queijo ralado. Beijo, meu pai, te amo.

- Tive o prazer de conhecer uma empresa que faz cestas deliciosas. A minha em especial foi para um dia à tarde e veio muito sortida de coisas deliciosas e frescas. Uma torta folhada de maçã deliciosa, como também croissant de chocolate e misto. É um conjunto muito bom essa cesta. Seu Instagram @requintedoceria-gourmet, ou pelo WhatsApp 98695-3424

- Você que quer comer uma comida caseira como uma fava, feijão carioca, feijoada... com um sabor delicioso, todos os dias tem um cardápio diferente, o preço bem em conta de R\$ 12 (dose reais), é só solicitar o cardápio no seu WhatsApp 98734-0707 falar com Ricardo.

- Nos últimos quatro meses, em razão do período de isolamento social, houve mudanças no cenário mundial que também se refletiram no comportamento de consumo dos brasileiros. Uma tendência que ganhou força no varejo alimentar durante esse período foi o aumento na busca por produtos de marcas próprias. Nesse contexto, o GPA, grupo varejista pioneiro no desenvolvimento desses itens por meio das redes Extra e Pão e Açúcar, identificou um crescimento significativo em algumas categorias.

PRATO DO DIA

Sandubão

Ingredientes

- 1 pão tipo italiano
- 4 fatias de queijo de manteiga
- 2 fatias de mortadela
- 1 ovo de galinha de capoeira
- 1 colher de nata
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Manteiga da terra

Modo de preparo

Corte o pão ao meio e passe a nata dando um leve toque de sal e pimenta do reino.

Em seguida, frite o ovo sem quebrar a gema, em fogo baixo, pegue a manteiga que colocou para fritar e vá regando sobre a gema, deixando em ponto mole ou ao seu gosto. Coloque por cima do ovo as fatias de queijo e dê uma leve abafada com uma tampa para derreter o queijo, desligue o fogo e monte.

Coloque as fatias da mortadela no pão partido e o ovo com o queijo. Ficará igual à fotografia!



Foto: Arquivo pessoal

Há anos conectamos gerações
através da informação de qualidade.

Este ano a melhor conexão
é o abraço apertado.

Feliz Dia dos Pais



Lei Maria da Penha: o que ainda deve ser aperfeiçoado

Mesmo reconhecendo avanços, senadoras apontam necessidade de novos mecanismos de proteção a serem incorporados

Anderson Vieira
Agência Estado

Na sexta-feira passada, a Lei Maria da Penha completou 14 anos em vigor. A norma, que foi aprovada para dar proteção às mulheres vítimas de violência doméstica, passou por mudanças ao longo dos anos, apesar de ser considerada uma legislação avançada em relação ao tema.

Outros mecanismos de proteção ainda podem ser incorporados, segundo senadoras ouvidas pela Agência Senado. Elas acreditam também que leis apenas não são o suficiente para o combate aos criminosos: é preciso investimento em educação.

A senadora Zenaide Maia (Pros-RN) lembrou que o Brasil tem uma das três legislações mais modernas do mundo, por isso é preciso valorizá-la e colocá-la em prática. Mas, para ela, não adianta uma norma progressista se não houver engajamento social. “A violência doméstica aumentou muito na pandemia. No Rio Grande do Norte, por exemplo, o número assustador: 258% a mais de casos de agressões contra mulheres entre março e maio, em comparação com 2019. Isso não pode continuar, não adianta lei avançada se não houver engajamento de toda a sociedade nesta luta”, avaliou.

A parlamentar destacou a necessidade de mais proteção e lembrou que foi relatora do PL 2.510/2020, aprovado recentemente no Senado, que obriga síndicos e vizinhos a informarem autoridades sobre casos de violência doméstica dentro dos condomínios. A proposta é do senador Luiz do Carmo (MDB-GO), e agora aguarda votação na Câmara dos Deputados.

Luz na escuridão

Embora reconheça que há falhas a serem corrigidas, a senadora Eliziane Gama (Cidadania-MA), acredita que a Lei Maria da Penha jogou luz num problema gravíssimo, demonstrou a importância de se denunciar o agressor e ajudou a conscientizar a população de forma geral e na elaboração de políticas públicas.

“É claro que há falhas no processo que precisam ser corrigidas. Mulheres continuam morrendo e sofrendo com a violência doméstica. As medidas protetivas muitas vezes não protegem a vítima; algumas delas cedem a pressões e retiram as queixas; algumas penas se tornam brandas. Reconhecemos que não é perfeita, mas temos que comemorar a existência desta norma tão essencial”, avaliou.

A senadora Rose de Freitas (Podemos-ES), é outra que não acredita que leis somente deem conta da gravidade da situação. Na opinião dela, o trabalho de conscientização deve começar cedo, com as crianças, dentro de casa e nas escolas.



Há 14 anos em vigor, a Lei Maria da Penha representou avanço no combate à violência contra a mulher, servindo de suporte e apoio às vítimas, que foram incentivadas a denunciar agressores

Mulheres ainda desconfiam de eficácia da legislação

As falhas na aplicação da lei foram percebidas pela população. A pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher – 2019, realizada pelo DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra Violência, aponta que quase sete em cada dez mulheres brasileiras acreditam que a Lei Maria da Penha não as proteja contra a violência doméstica e familiar (21%), ou que as proteja apenas em parte (47%). Somente 30% se sentem protegidas pelo diploma legal. Dois por cento não sabem ou não quiseram responder.

Neste início de agosto, o Observatório divulgou o Boletim Mulheres e seus Temas Emergentes, com uma análise sobre os 14 anos

da norma. O documento lembra outro levantamento do DataSenado, de 2019, segundo o qual 11% das entrevistadas conheciam nada a respeito da Lei Maria da Penha, e 68% conheciam pouco.

“Como uma mulher poderá reivindicar seus direitos sem ao menos conhecê-los? Adotar a educação como recurso estratégico na remoção de obstáculos à igualdade de gênero tem dupla função. Por um lado, empodera a mulher no trilhar da sua própria proteção e consolida o arcabouço de estruturas de proteção que lhe são oferecidas. Por outro lado, incute nos homens, não apenas a consciência para não realizar os atos de violência, mas o compartilhamento da responsabilidade

pelo seu enfrentamento”, diz o documento.

O boletim chama atenção também para a necessidade de melhoria das ações governamentais. Enquanto 100% dos municípios com mais de 500 mil habitantes apresentam ao menos um serviço especializado para atendimento a mulheres em situação de violência, esse percentual cai para 30% nas cidades com população de 20 mil a 50 mil habitantes e é de menos de 4% nas localidades com menos de 5 mil moradores.

“Dados trazidos pelo IBGE por intermédio da Pesquisa de Informações Básicas Municipais, mostraram que no ano de 2018 apenas 20% dos municípios bra-

sileiros apresentavam em sua estrutura administrativa um órgão executivo, como secretaria, diretoria ou mesmo coordenadoria, voltado à gestão de políticas específicas”, acrescenta o documento.

Desafios

Diante deste cenário, o Observatório aponta três desafios a serem enfrentados pela sociedade brasileira nos próximos anos: fortalecer a rede de atendimento às mulheres em situação de violência; priorizar a educação como instrumento de conscientização; e assegurar a produção e oferta de dados e informações que possam servir de insumo para o aprimoramento do funcionamento dessa rede.

PL sobre violência doméstica em condomínios causa polêmica

O Projeto de Lei 2.510/2020, aprovado no Senado e que propõe tornar responsabilidade do síndico e dos moradores denunciar casos de violência doméstica dentro dos condomínios, está dividindo opiniões. Além da obrigação de reportar ocorrências às autoridades, o texto prevê multa e aumento em 1/3 da pena caso haja omissão de socorro.

Proposto pelo senador Luiz do Carmo (MDB-GO) e já aprovado pelo Senado, o PL segue para tramitação na Câmara e, caso aprovado, ainda precisará de sanção presidencial para passar a valer.

A discussão acontece em um momento alarmante. De acordo com o estudo mais recente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os casos de feminicídio saltaram 22,2% entre março e abril, enquanto o número de

denúncias de violência doméstica sofreu queda. O paradoxo evidenciado sugere que, por estarem confinadas com seus agressores durante a quarentena imposta pelo novo coronavírus, as vítimas não conseguem pedir ajuda.

A advogada Claudvanea Monteiro, de 45 anos, é síndica e moradora de um condomínio localizado na Água Branca, zona oeste de São Paulo. Com a intensificação do convívio e das tensões, o condomínio teve mais de dez divórcios ao longo da quarentena. Os casos de violência doméstica também saltaram aos olhos.

“Em um deles dava para ouvir os gritos de socorro da moça”, relata a síndica. Em outra ocasião, uma moradora saiu correndo do apartamento no meio da madrugada. A polícia foi acionada nas duas vezes.

Uma das dificuldades, diz ela, é identificar o momento de chamar as autoridades. “Já temos um padrão de conduta”, explica. “Os vizinhos informam a portaria e o responsável pela ronda vai até o andar verificar, então o porteiro liga para o apartamento e percebe se a situação está fora de controle pela voz de quem atende.”

Por ela mesma já ter sido considerada “inimiga” ao interferir em situações de violência nos apartamentos, inclusive com a vítima acolhendo novamente o agressor e passando a hostilizá-la, a síndica vê um problema grande no projeto de lei. “A obrigatoriedade de denunciar pode representar riscos para a integridade física dos síndicos”, diz. “Falta a extensão das medidas protetivas a todos os participantes da denúncia.”

José Roberto Graiche Júnior, presidente da Associação das Administradoras de Bens Imóveis e Condomínios de São Paulo (AABIC), concorda que a lei pode fazer com que o próprio síndico passe a ser alvo de agressões.

“A lei é boa, mas não pode ser radical, no sentido de transferir tanta responsabilidade para o representante legal do condomínio. Ele acredita que seja necessário pensar e estudar melhor as opções, mas sublinha a urgência na adoção de medidas por conta do crescimento visível, apesar de não registrado, no número de ocorrências.

“Houve a percepção de aumento de violência pelas reclamações dos condôminos”, afirma. “Tanto síndicos e funcionários como os próprios moradores recorreram às administradoras para saber como agir.”